

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

MÔNICA NUNES DOS SANTOS

**VOZES DO CASTANHAL: AS NARRATIVAS DE MULHERES DO BAIRRO
CASTANHAL EM PARINTINS-AM E O DIÁLOGO COM A LITERATURA
FEMININA NEGRA BRASILEIRA**

**PARINTINS – AM
2025**

MÔNICA NUNES DOS SANTOS

**VOZES DO CASTANHAL: AS NARRATIVAS DE MULHERES DO BAIRRO
CASTANHAL EM PARINTINS-AM E O DIÁLOGO COM A LITERATURA
FEMININA NEGRA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Letras Língua Portuguesa para a
obtenção do Grau de Licenciada em Letras, pela
Universidade do Estado do Amazonas, no
Centro de Estudos Superiores de Parintins –
CESP/UEA

Orientadora: Me. Dilce Pio Nascimento

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S237v

Santos, Mônica Nunes dos

Vozes do Castanhal: : as narrativas de mulheres do bairro Castanhal em Parintins-AM e o diálogo com a literatura feminina negra brasileira / Mônica Nunes dos Santos . Manaus : [s.n], 2025.

58 f.: color.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Anexo.

Orientador: Nascimento, Dilce Pio.

1. Narrativas. 2. Castanhal. 3. Histórias de vida. 4. Lugar de fala. 5. Mulheres negras. I. Nascimento, Dilce Pio (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

PARINTINS – AM
2025
MÔNICA NUNES DOS SANTOS

**VOZES DO CASTANHAL: AS NARRATIVAS DE MULHERES DO BAIRRO
CASTANHAL EM PARINTINS-AM E O DIÁLOGO COM A LITERATURA
FEMININA NEGRA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do
Estado do Amazonas, como requisito para obtenção
do título de Licenciada em Letras.

Aprovado em: __/__/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Me. Dilce Pio Nascimento (**Presidente** CESP/UEA)
Orientadora

Prof^ª. Dra Delma Pacheco Sicsú (Membro - CESP/UEA)

Prof. Tobias Pinheiro de Matos (Membro)

DEDICATÓRIA

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso à futura professora que vos fala, a esta mulher, mãe e estudante que sonha com o futuro melhor para seus filhos e busca cotidianamente, por meio da educação, agir para que isso se torne realidade.

Dedico à mulher que lutou e sonha com a realização de suas filhas, minha mãe, Maria de Lourdes Nunes dos Santos minha principal matriz para que o meu sonho fosse possível, para ela, entregava os meus corações fora do peito quando vinha para a universidade, era ela quem carregava a responsabilidade de mãe e avó quando durante quatro anos nessa universidade, precisei me ausentar do papel de mãe para meus filhos. Minha mãe é a força motriz que me impulsiona todos os dias a continuar, sem ela tenho plena certeza que não conseguiria chegar até onde cheguei. Eu te amo, mãe!

Dedico especialmente aos meus filhos amados: Pietro Emanuel Nunes Xavier, Paola Valentina Nunes Xavier e Maitê Louise Nunes Xavier. Na minha presença acadêmica, tornei-me ausente perante os meus, e neste contínuo e árduo processo, gostaria de externar minha profunda gratidão e perdão aos meus filhos que precisaram nas suas inocências compreender a falha da minha ausência. Meus filhos foram o meu sustento e a força vital que não me deixou desistir durante esse longo e árduo processo na universidade. Olhar para eles em meio ao caos dos dias de luta, fazia-me acreditar na força que surge do interior de uma mãe que luta, sonha e almeja vencer, não mais por si só, mas principalmente pelos filhos. Amo-vos, incondicionalmente!

Dedico também ao meu pai, Plácido Melo dos Santos, homem forte, exemplo de honestidade e compromisso, trabalhador, **Tricicleiro** em quem pude ter inspiração para não mais desistir dos meus sonhos por meio da educação. Meu pai sempre sonhou com o sucesso de suas filhas por meio dos estudos e o incentivo vinha das formas mais simples mesmo assim mais potentes possíveis para continuar. Por vezes, na dificuldade do transporte para chegar na Uea, na sua cordialidade de pai entregava-me dez reais para o mototáxi na certeza de que aquele simples ato seria essencial para que eu não desistisse do principal objetivo, formar-me. Obrigada, pai por tanto!

Dedico ao meu companheiro, pai dos meus filhos, Jean Farias Xavier. O principal responsável para que eu me locomovesse até a universidade durante os quatro anos de idas e vindas até aqui, debaixo de chuva e do sol ardente de Parintins, nunca hesitou ou disse-me não, sempre esteve presente e neste simples gesto me fazia acreditar no seu incentivo para continuar. Obrigada, Jean.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar meus agradecimentos às pessoas que fizeram parte desta jornada acadêmica e que tornaram esta pesquisa possível.

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Professora Dilce Pio Nascimento, minha principal incentivadora neste caos que foi esta etapa final de conclusão de curso. Professora Dilce me aceitou, mesmo diante de tantos orientandos (filhos) e aceitou o desafio que foi a minha orientação. Muito obrigada, doce Dilce.

Agradeço à minha família, em especial, minha irmã Maisa Nunes, por contribuir nesta caminhada e me inspirar com sua trajetória através da educação. Meu cunhado João Pedro Bentes, quem em muitos momentos disponibilizou-se para trazer-me na universidade, inclusive, no dia da minha matrícula neste curso. Lembro como se fosse hoje a frase que me disse: “Não desiste dessa vez. Se precisar de carona, é só pedir, mesmo que eu esteja nos meus dias difíceis, eu vou te ajudar.”, e assim o fez. Obrigada!

Agradeço aos meus colegas de curso. A amizade, os momentos felizes, tensos e de diversão moldaram a personalidade que construímos dessa turma durante esses quatro anos. Sem vocês essa caminhada não teria sido tão fascinante como foi. Gratidão.

Agradeço às minhas amigas Fabiana Vasconcelos e Sanis Maria que tornaram a caminhada mais leve, com muitos sorrisos, abraços e aventuras. Amo vocês, minhas meninas.

Agradeço, especialmente, a minha dupla de muitos períodos Vanessa Barros. Minha amiga, confidente, motivadora e inspiração feminina. Tê-la ao meu lado transformou-me e com toda certeza viveria mil vezes as inúmeras aventuras que vivemos durante esses anos. Amo você, Nêssa!

E não menos importante, gostaria de externar minha gratidão às mulheres que tornaram esta pesquisa possível, Dona Maria Sônia Gomes, Dona Joana Matos e Maisa Nunes. Suas falas foram essenciais e enriqueceram o meu trabalho, suas histórias precisam ser contadas e principalmente precisam ser ouvidas. Obrigada!

RESUMO

A pesquisa realizada visou a partir das narrativas de mulheres residentes no bairro Castanhal, no município de Parintins – AM, estabelecer um diálogo com a literatura feminina negra brasileira. A pesquisa nasce da ideia de que as diferentes vivências experienciadas por mulheres negras marginalizadas no contexto de comunidade são carregadas de marcas que caracterizam o seu lugar de fala na sociedade, por isso a necessidade de escuta dessas vozes e posteriores disseminações, objetivando promover visibilidade às vivências, saberes e posicionamentos das mulheres nos diferentes contextos. A pesquisa de abordagem qualitativa coletou, por meio de entrevistas abertas, não estruturadas e de observação participante as histórias de vida e experiências de três mulheres negras que vivem no local, revelando os desafios, as resistências e lutas no ambiente em que estão inseridas. A análise feita das entrevistas coletadas buscou estabelecer um diálogo importante com a literatura feminina negra brasileira, dando destaque à produções literárias das autoras negras Maria Firmina dos Reis (2018), Carolina Maria de Jesus (2014) e Conceição Evaristo (2005). Dessa forma, o trabalho realizado enfatiza a importância de promover visibilidade às narrativas de mulheres do bairro Castanhal, pois valoriza não só as entrevistadas, mas uma gama de mulheres que se sentem representadas com as histórias relatadas. Além disso, espera-se que este trabalho inspire novos estudos neste mesmo viés.

Palavras-chave: Narrativas. Castanhal. Histórias de Vida. Lugar de Fala. Mulheres Negras.

ABSTRACT

The research carried out aimed to establish a dialogue with Brazilian black female literature based on the narratives of women living in the Castanhal neighborhood, in the municipality of Parintins - AM. The research arises from the idea that the different experiences experienced by marginalized black women in the community context are loaded with marks that characterize their place of speech in society, hence the need to listen to these voices and subsequently disseminate them, aiming to promote visibility to the experiences, knowledge and positions of women in different contexts. The qualitative approach research collected through open and unstructured interviews and participant observation, the life stories and experiences of three black women who live in the area, revealing the challenges, resistance and struggles in the environment in which they are inserted. And the analysis made of the collected interviews sought to establish an important dialogue with Brazilian black female literature, highlighting the literary productions of black authors Maria Firmina dos Reis (2018), Carolina Maria de Jesus (2014) and Conceição Evaristo (2005). That way, the work carried out emphasizes the importance of promoting visibility to the narratives of women from the Castanhal neighborhood, as it values not only the interviewees but also a range of women who feel represented by the stories they tell. Furthermore, it is hoped that this work will inspire new studies along these same lines.

Keywords: Narratives. Castanhal. Life Stories. Place of Speech. Black Women.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO: MULHERES NEGRAS E SUA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E LITERÁRIA	3
1.1. ORIGENS DA LITERATURA NEGRA NO BRASIL	3
1.2. A MULHER NEGRA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA.....	7
1.3. A LITERATURA FEMININA NEGRA BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	8
1.3.3. CONCEIÇÃO EVARISTO (1946) - BREVE BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS	13
1.4 RESISTÊNCIAS: A LITERATURA FEMININA NEGRA BRASILEIRA E O DIÁLOGO COM A ESCRIVÊNCIA.....	16
1.4.1 APROFUNDANDO A ESCRIVÊNCIA.....	16
1.5 LEI 10.639/2003 – ENSINAR É RECONHECER	17
1.6 CASTANHAL: OCUPAÇÃO OU INVASÃO?	18
1.6.1 A DENOMINAÇÃO INVASÃO	18
1.6.2 A PERSPECTIVA DE OCUPAÇÃO	19
CAPÍTULO II: METODOLOGIA	22
2.1 CAMPO DE PESQUISA: BAIRRO CASTANHAL.....	24
2.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS	26
2.2.1 ENTREVISTAS	26
CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS	29
3.1 TESE - A HISTORICIDADE CONSTRUÍDA POR MULHERES DO BAIRRO CASTANHAL	29
3.1.1 REINTEGRAÇÃO DE POSSE: UMA HISTÓRIA COLETIVA DE RESISTÊNCIA FEMININA	36
3.2 ANTÍTESE - AS NARRATIVAS FEMININAS DO CASTANHAL E O DIÁLOGO LITERÁRIO	40
3.2.1 CONEXÃO DAS ESCRIVÊNCIAS LITERÁRIAS COM AS VOZES DO CASTANHAL	42
3.3 SÍNTESE – LUGAR DE FALA: UMA NOVA COMPREENSÃO PARA O FORTALECIMENTO FEMININO NO BAIRRO CASTANHAL.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

A literatura feminina negra brasileira tem estabelecido nos últimos anos seu lugar de destaque no âmbito literário e social. Para mais, ela tem contribuído na construção identitária e representativa de mulheres abrangendo suas lutas e resistências. No entanto, apesar dos avanços, ainda é possível observar que as vozes de mulheres, em diversas áreas de suas vidas, têm permanecido indetectáveis, especialmente as de mulheres negras que vivem em comunidades periféricas. Diante disso, foi levantado o seguinte questionamento: de que forma a Literatura Feminina Negra Brasileira pode atuar para conferir visibilidade às narrativas de vida das mulheres negras do bairro Castanhal?

O bairro Castanhal, em Parintins-AM, possui nove anos e é uma localidade fruto de ocupação de terras. Assim como outras áreas vulneráveis, enfrenta desafios como a invisibilidade e o silenciamento das vozes femininas. A comunidade é formada por famílias de baixa renda, onde muitas dessas famílias são chefiadas por mulheres, daí a importância de se destacar o papel e lugar de fala delas, que por muitas vezes não apenas ocupam o cargo de chefe familiar, mas também participam ativamente do processo de formação de comunidades como a que foi apresentada neste trabalho.

A importância social do bairro Castanhal vai muito além da localidade na qual ele está inserido. Pois, está diretamente ligada ao que ele hoje representa para os moradores que nele habitam. O bairro que hoje é constituído, de fato e de direito, foi iniciado com a junção de grupos de pessoas que buscavam um mesmo objetivo: uma moradia. Essa primeira conexão surge num momento de desconhecimento entre essas pessoas, no entanto, ainda assim faz com que a partir deste ponto inicial passe a ser constituído um senso de pertencimento, pois em meio às convivências diárias que acontecem no momento da ocupação territorial há também o desenvolvimento das relações de vizinhança.

A interação social que ocorre entre os moradores do Castanhal fortalece o sentimento de comunidade, mudando a percepção externa sobre quem vive lá. Mesmo com muitos desafios, o bairro é um espaço de socialização e cultura no qual oferece manifestações culturais e movimentos comunitários. O Bozinho do Castanhal ¹, Festa Junina, torneios, mutirões de limpeza, reuniões e oficinas de sustentabilidade e empreendedorismo. Além disso, ações de

¹ Manifestação cultural independente que aconteceu no ano de 2022, o evento foi realizado para promover o fortalecimento do vínculo comunitário. O principal intuito da criação do bozinho foi o de retirar as crianças e jovens da ociosidade, oferecer vivência cultural e arrecadar fundos para algumas pendências da associação.

saúde, assistência social e distribuição de produtos regionais e pescado. Todos esses eventos criam momentos para as famílias socializarem e fortalecerem os laços entre os moradores.

Tendo como base as questões expostas acima, o tema que foi apresentado em forma de estudo é de total relevância para as diferentes camadas da sociedade, em especial para as mulheres da comunidade em questão. Promover visibilidade às vozes das mulheres que são culturalmente e socialmente silenciadas é uma forma de inseri-las novamente a um mundo que pertence a elas. Além de que busca ser uma maneira de reconhecer como a literatura feminina negra possui uma relação próxima com as histórias de vida dessas mulheres, como forma de compreender quais as contribuições que esta literatura traz para o meio literário atual.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo geral estabelecer um diálogo das narrativas de mulheres do Castanhal com a Literatura Feminina Negra Brasileira realçando a contribuição dos textos literários na visibilização das vozes das mulheres negras do bairro Castanhal, em Parintins-AM. Para isso, buscou-se por meio dos seguintes objetivos específicos: promover visibilidade às vivências, lutas e resistências das mulheres negras do Castanhal; analisar e compreender os temas emergentes nas narrativas das mulheres do bairro Castanhal; inspirar novos estudos e valorizar as novas compreensões adquiridas pelas mulheres do Castanhal a partir do diálogo com a Literatura Feminina Negra Brasileira.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa foi realizada por meio da abordagem qualitativa, sob o viés da pesquisa participante e utilizou-se o método dialético para realizar as análises dos dados colhidos nas estratégias de escuta, ou seja, nas entrevistas abertas e livres que oportunizaram às mulheres a contarem suas narrativas de forma leve e espontânea e que foram a parte fundamental na construção deste trabalho e ainda uma forma de socialização na escuta das vozes femininas do Castanhal.

O trabalho se divide em três capítulos, além da introdução. O capítulo um explora o referencial teórico, abordando a Literatura Feminina Negra no Brasil, sua relevância histórica, a resistência literária e a legislação que as insere nas escolas. O segundo detalha a metodologia, explicando o campo de pesquisa e a coleta de dados. Por fim, o capítulo três traz a análise de dados, com tópicos sobre a perspectiva de ocupação e invasão, a historicidade do bairro Castanhal pela perspectiva feminina, as narrativas e o diálogo literário, além da compreensão e fortalecimento das mulheres no local. Encerramos com as considerações finais da pesquisadora.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO: MULHERES NEGRAS E SUA IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E LITERÁRIA

1.1. ORIGENS DA LITERATURA NEGRA NO BRASIL

Antes de abordar os processos iniciais da literatura negra no Brasil, cabe fazer alusão ao fato de que toda atividade literária, advém da relação do sujeito com o ambiente no qual está inserido. Assim, as visões de mundo do escritor, as críticas em relação a sua história, economia, condições humanas, fatores linguísticos, constituem as suas “vozes”, ou melhor, os discursos construídos, que favorecem o incremento ideológico que se insere nos simbolismos compartilhados no seu núcleo social de vivências. Vale dizer que o discurso que o escritor produz (a sua subjetividade) se relaciona com os atores sociais (inseridos como algo coletivo) do qual faz parte, como membro por exemplo, de uma etnia, classe social, de gênero, como bem afirma Cândido (2006, p. 35):

Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo. As relações entre o artista e o grupo se pautam por circunstância e podem ser esquematizadas do seguinte modo: em primeiro lugar, há necessidade de um agente individual que tome a si a tarefa de criar ou apresentar a obra; em segundo lugar, ele é ou não reconhecido como criador ou intérprete pela sociedade, e o destino da obra está ligado a esta circunstância; em terceiro lugar, ele utiliza a obra, assim marcada pela sociedade, como veículo das suas aspirações individuais mais profundas.

Com isso, a arte literária é expressão individual e de uma coletividade, que favorece que o discurso tenha algum alvo social que a identifique e propicie haver uma troca de ideias relacionadas a algum grupo, sendo aí uma literatura engajada que busca não apenas a estética, mas também expor, transformar e refletir sobre a sua realidade através da letra, constituindo uma ideologia, isto é, conhecimentos sobre seu ser, expressando seus anseios, críticas e conhecimento. Acontece de as questões da expressão estarem relacionados a memória coletiva de determinada comunidade que necessita refletir sobre as suas condições humanas. Sobre isso, Halbwachs (1990, p. 25), afirma:

Quando evocamos juntos diversas circunstâncias, de que cada um de nós se lembra, e que não são mais as mesmas, ainda que elas se relacionem aos mesmos eventos; não conseguimos nos pôr a pensar e a lembrar em comum, e os fatos passados não têm mais o mesmo relevo, não acreditamos revivê-los com mais intensidade, porque não estamos mais sós para representá-los, como os vemos agora como os vimos outrora, quando os olhávamos ao mesmo tempo com nossos olhos e os de um outro? Mas, nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário

que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Nesse fragmento, o que se evidencia é que a memória coletiva vem a ser uma herança ideológica que caminha em diversas vivências, o espaço, os atores envolvidos naquele contexto. Com o tempo, podem não ser mais os mesmos, ainda sim, predispõem de marcas, isto é, de anseios, de ideias que permaneceram naquela comunidade mesmo a partir de novas gerações, a história se constrói de discursos, alguns se reinventam, mas ainda há as permanências que podem ser a forma de ser, de se vestir, formas de alimentação, os valores culturais, os conhecimentos sobre a forma como se organiza a sociedade, os próprios preconceitos acerca de gênero, de etnia, que se perpetuam no tempo e espaço.

Entre as permanências de ideologias coletivas, tem a questão da essência do “ser mulher”. O Brasil, como um país que durante 400 anos fora colônia de Portugal, se inseriu como um ambiente que agregou diversos constituintes humanos por meio da miscigenação entre o negro, o branco e o indígena e nessa mistura étnica, a figura da mulher principalmente a negra, no período colonial, sempre foi colocada num lugar de subalternidade pelo fato de estar relacionada a condição de desejo e mercadoria, sendo então, propriedade material e por vezes sexual por parte do senhor, os donos de cafezais.

Havendo, portanto, um domínio sobre ela, ou mesmo sendo considerada com um mero objeto de uso; na condição da “mulher branca”, o domínio era baseado na relação do patriarcado onde havia submissão da mulher e filhas, era elemento chave nessa cadeia hierárquica de poder. Aqui a mulher se configurava no dever de cumprir o papel “doce” e “gentil” perante o chefe familiar na figura do marido, seja no comportamento, seja na obediência às ordens masculinas, ou seja, a sujeição dos afazeres domésticos como preparar a comida, cuidar de casa e dos filhos sem ter possibilidade de guiar-se sobre os seus próprios desejos, de se instruir ou de ser atuante.

A mulher, nesse contexto, servia apenas à ótica masculina para os assuntos políticos, dos jogos de aparências patrocinados pela sociedade machista que pregava pelos valores familiares, onde a figura paterna de provedor e centralizador imperava. Nesta perspectiva, a condição étnica da mulher branca ou negra, não fazia tanta diferença, porém o estereótipo de subserviência com requintes de violência sobressai à mulher negra. Aos estereótipos de gênero ou da condição étnica que se cria condições para o incremento da literatura negra de matriz brasileira, Evaristo (2009, p. 17) afirma:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube

aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira.

A essência étnica negra, durante muito tempo e até mesmo nos dias de hoje, fora moldada pela intolerância e preconceitos relacionados a cor da pele, que conduziram a subjugação do corpo, por pessoas com a tonalidade de pele mais clara. Com as transformações da literatura na pós-modernidade que favoreceram novas formas de interpretar a realidade, a importância da cultura afrodescendente como um corpo cultural passou a ser mais evidente por autores descendentes de escravos que lutaram para que as resistências fossem alcançadas pela literatura e tivesse eco capaz de propor um ambiente mais amistoso acerca da sua condição negra, favorecendo que seus modos de ser, seus costumes, como a dança, a linguagem, os valores morais, pudessem ser valorizados, sendo que:

Houve sentimento positivo de etnicidade que atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (Evaristo, 2009, p. 19).

Como se expressa na citação, a presença do discurso com essências étnicas negras se configurou como uma remodelação do cânone literário brasileiro, haja vista a necessidade de se implementar uma arte literária que obstinasse uma quebra nos padrões eurocêntricos, já que falar sobre ele, tinha marcas de preconceitos gritantes como nos escritos de Gregório de Matos, expoente do barroco no Brasil:

O poeta, como outros de seu tempo, revelava um profundo mal-estar para com “os mulatos desavergonhados”, termos com os quais Gregório de Matos deixa transparecer o despeito de muitos brancos diante do crescente número de mestiços, filhos de senhores que, como alforriados, ocupavam um espaço social intermediário. Sensualidade, com o advento dos estudos culturais, a literatura passou por transformações onde o discurso dos “subalternos”, as vozes negligenciadas de mulheres, negros, índios, puderam fazer valer seus discursos (Evaristo, 2009, p. 20).

Com o advento dos Estudos Culturais no Brasil, as narrativas literárias passaram a ser questionadas por arraigar produções que negligenciava vozes que constituíam a etnicidade do Brasil. Assim, com este silenciamento de vozes foi favorecendo o aparecimento de expressões literárias que proporcionavam o discurso de vozes caladas expressarem seus anseios acerca do meio que estão inseridas, buscando ressignificar os discursos de obras canônicas, expor a

particularidade cultural do processo formativo de um povo, suas culturas, com isso, a literatura passou a ser mais democrática e aberta a novas formas de significados da realidade. Isso favoreceu o aparecimento de uma nova abordagem de pesquisa interdisciplinar que ora abrange a sociologia, literatura, antropologia, que é o “Estudos de Gênero”, que no Brasil encontrou ecos na década de 1960 e 1970:

Que eclode com movimentos políticos e sociais de oposição à ditadura militar. Adiante, já nos anos 80, essa vertente polariza-se com os movimentos de redemocratização da sociedade brasileira. Na esteira das discussões e lutas dessa onda feminista visibilizaram-se o maciço Investimento na produção intelectual sobre gênero, possibilitando o desenvolvimento de pesquisas e estudos que não apenas buscavam denunciar as diferenciações entre homens e mulheres construídas social, histórica, culturalmente, mas, fundamentalmente, na busca por problematizar essa subordinação histórica que minorava as mulheres em relação aos homens (Beck e Guizzo, 2013, p. 177).

Nesse universo de pesquisa feminista é que entra em cena a ênfase ao saber da cultura negra na ótica da mulher, na qual buscou exprimir seus anseios, os discursos machistas relacionados a elas pela ótica masculina, os tabus e estereótipos relacionadas aos seus modos de ser, de agir frente ao patriarcado, as resistências na qual buscavam burlar e tornar a literatura como ferramenta de ação capaz de ressignificar a essência não somente do fator mulher, mas também os aspectos relacionadas à cor da sua pele, as suas tradições culturais que as constituíam como os saberes de seu povo, as histórias do seu passado e suas percepções de mundo.

1.2. A MULHER NEGRA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA

A literatura detém de formações discursivas que são núcleos de ideologias que fornecem significação a uma peculiaridade da sociedade, seja ela do ponto de vista histórico, racial, étnico ou/e nas relações pessoais, como afirma Orlandi (2013, p. 43):

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. Daí decorre a compreensão de dois pontos que passaremos a expor as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

Assim, em se tratando de literatura negra no ponto de vista da mulher, pode se indagar que formações discursivas elas constituem na literatura? Que parâmetros literários são construídos na arte da letra negra feminina? O que vem a ser uma escrita “da mulher negra”? Quais temas são recorrentes? A essas questões que o tópico se debruça.

Em primeiro lugar, falar de literatura negra é entender que o discurso que se materializa é na questão da sua condição de cor em relação ao seu meio, assim, todo discurso é inscrito por atribuições a cor da pele, na qual as pessoas que se identificam como negras, irão na arte literária dá forma como a sociedade as veem, exemplo, a questão do racismo, os valores culturais de seus ancestrais, as vivências no seio familiar, as tradições, daí a literatura deixa de ser simplesmente “feminista” para ser “feminista negra” que ora, se tem:

Uma produção e reprodução de símbolos no discurso poético ficcional de escritoras negras destoantes das escritoras brancas. Embora ambas vivenciem o silenciar (não fala), o lugar de produção é outro significativamente diferente. Há tempos que a mulher negra realizava a dupla jornada, acumulava os afazeres de sua própria casa e prole e se engajava em movimentos populares, tais quais das “panelas vazias”, “creches”, “saúde” e outros. Uma vida desconhecida e ou desconsiderada no contexto “do lar” onde exerciam seus trabalhos domésticos, de onde, mormente seriam gerados não só os discursos feministas, como também os textos literários.

Uma vida negra eivada de relações – amores, desamores, sabores, dissabores, dores, ódios, esperança, desesperanças, sonhos, medos, desejos, risos e choros, sons e silêncios, conquistas e derrotas – que são amálgamas para textos literários poéticoficcionais (Alves, 2011, p. 185).

Com a literatura negra, a mulher incluída nesse núcleo étnico, poderá fazer da literatura, um meio de expressão onde sua alteridade se materializa, tornando um discurso que tem um padrão ideológico que se diferencia do discurso feminista “branco”, já que a mulher branca tem mais conexão aos anseios de liberdade e igualdade, de desejar que seus direitos sejam respeitados, seja do ponto de vista de pensar sobre a suas formas de agir e compreender o seu ambiente, por sua vez, a mulher negra é mais profundo, uma vez que o racismo e até mesmo o sexismo sempre esteve enraizado na relação com a figura masculina, diferente da mulher branca, onde a sujeição se resumia a submissão, nem tanto ao sexismo, Santos (2019), afirma “a representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor”.

Assim, uma das “heranças” da colonização é a questão da mulher negra como objetificação, vale salientar que a isso está relacionado também a noção de “mucamas”, onde as mulheres eram propriedades sexuais dos senhores e eram encarregadas de trabalhar nos casarões, cuidar dos filhos dos patrões e além do mais, salvo a condição de escrava e sem remuneração, sendo também mercadoria, a mulher negra sempre fora moldada com imagem “de pobre”, elemento que se configurou nas relações sociais, com o passado da escravidão, onde por mais que tivesse havido a abolição da escravidão, a sociedade posteriormente não apenas deixou de incluí-las nas lutas por seus direitos como estereotipou-as como um ser que não tem tanto “status social”, sempre associando a figura feminina negra, como “empregada doméstica”, “pessoa com pouca instrução”, “simples dona de casa que mora em condições sub-

humanas”. Com isso, essas permanências discriminatórias que ainda permeiam a sociedade, e que as mulheres negras, por meio da literatura farão ecoar suas vozes de resistências, fazendo com que suas histórias sejam configuradas como um mecanismo para sanar as discriminações e estereótipos que sofreram no passado, e que no presente buscam reescrever e expressar suas alteridades, e de modo atuante.

1.3. A LITERATURA FEMININA NEGRA BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Havendo uma literatura feminina negra, cabe elencar autoras brasileiras que se inserem nesse advento literário, são elas: Maria Firmina Dos Reis (1822 – 1917), Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977), Conceição Evaristo (1946 -), entre outras, que respectivamente produziram obras de renome sendo elas *Úrsula* (1859), *Quarto de despejo* (1960) e *Ponciá Vicêncio* (2003), e para tornar o trabalho dinâmico será feita uma consideração bibliográfica sobre cada uma delas e que significação discursiva as obras que produziram expressam, a partir de trabalhos de pesquisadores que se debruçaram na questão da literatura feminina negra tendo como base as referidas autoras.

1.3.1. MARIA FIRMINA DOS REIS² (1822/1917) - BREVE BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS

Figura 1: Imagem de Maria Firmina dos Reis.



Fonte: Portal “Literatura Afro”.

² As informações biográficas sobre a autora foram retiradas do canal no youtube a seguir: Lili Schwarcz. **Biografia de Maria Firmina dos Reis**. Disponível em: <https://youtu.be/UmlcAf3I9sM?si=tUcBaq9Mk38zoPTX>. Acesso em: 12/3/2025.

Maria Firmina dos Reis é uma figura fundamental na Literatura Brasileira, por ser a primeira mulher negra a escrever um romance e tratar de temas como o abolicionismo e a representação da mulher negra e das suas narrativas. Foi também educadora e uma importante intelectual do seu tempo.

Considerada a primeira escritora negra do Brasil, nasceu em São Luiz do Maranhão, em 1822 e morreu em 1917 no mesmo Estado, fundou uma escola e foi autorizada a atuar nas escolas primárias. Não foi somente professora mas também escritora, criando poemas e dando vida a obra chamada “Úrsula”, publicada em 1859, que gira em torno de um romance cuja protagonista “Úrsula” se envolve com um estudante de bacharelado, criando uma narrativa de amor impossível. O que interessa nessa obra é a relação dela com as pessoas que faziam parte do seu contexto racial, os negros. Com isso é uma obra que se preocupa com essa questão étnica e também com a abolição da escravatura.

Sobre as mulheres, vale salientar que pelo fato de ser uma obra contextualizada no período do romantismo, a escritora logo utilizou de certas atribuições estéticas como a idealização, que consiste em criar uma imagem perfeita sobre algum elemento, logo, isso é inserido na expressão feminina, como consta no trabalho de Nakayama (2020, p. 27):

Ela desenvolve cinco personagens femininas de origens e personalidades distintas, que identifica as várias formas de dominação na relação homem-mulher, a partir da perspectiva da sociedade patriarcal do século XIX, que anula por completo qualquer pensamento que não seja aquele em prol de um ideal de mulher submissa perfeita, esposa/mãe/filha/parente/escravizada.

Assim, a escritora, teceu diversas mulheres cujas características de docilidade e singeleza são claros atributos apontados pela sociedade machista que impregnava na sua época de século XIX que moldava a mulher a ser submissa ou serem rotuladas como mulheres que não possuíam “defeitos”, como de se voltar contra os valores estabelecidos pelo patriarcado. Com isso, a pesquisadora ao exemplificar trechos comprova o que afirmara:

Durante toda a narrativa não é sequer citado algum defeito em relação a Úrsula, pelo contrário, sua perfeição alcança níveis celestiais, a personagem é o exemplo de como as mulheres deveriam se comportar: “Oh! De novo jurai-me que sois minha, que o vosso amor é igual ao meu, doce e mimosa Úrsula, para que eu possa falar-vos daquela que foi casta e pura como vós, daquela que foi minha mãe (Nakayama,2020, p. 28).

Nesse trecho, que se relaciona a parte que o personagem Tancredo, a elogia, ilustra esse anseio angelical sobre a mulher, como um ser que não tem conflitos internos que poderiam

desestabilizar a “boa ótica patriarcal” na qual está inserida de ser por exemplo, submissa ao homem e ter boa postura.

A obra segundo Costa e Souza (2023, p.160) sobre a presença negra:

Identifica as faces do silêncio que ela experimenta, bem como sua ruptura, evidenciando nesse processo o olhar da autora sobre esse sujeito duplamente silenciado dentro de seu contexto histórico-cultural. O objetivo do trabalho foi analisar o modo como Maria Firmina compõe suas personagens femininas e negras e as representa em meio a um cenário dominado pela razão patriarcal e escravista. Assim, constatamos que a escritora inaugurou um lugar que esses sujeitos puderam expor a violência da qual eram vítimas, relatando do lado de dentro a experiência do racismo e sexismo; sendo vistos nesse gesto como transgressores do silêncio a eles impostos e violadores da ordem opressora vigente.

É uma obra, portanto, que favorece voz a mulher negra, o que obviamente para o cânone literário da época era uma espécie de transgressão aos valores calçados pelo padrão machista que impedia de a mulher compreender o mundo por si, por meio da palavra driblar a suposta “mudez” discursiva que o patriarcado imprimiu nas suas relações com o mundo.

1.3.2. CAROLINA MARIA DE JESUS³ (1914/1977) - BREVE BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS

Figura 2: Escritora Carolina Maria de Jesus.



Fonte: Wikipédia.

³ As informações biográficas sobre a autora foram retiradas do canal no youtube a seguir: TV BRASIL, Caminhos da reportagem – **Carolina de Jesus, a escritora além do quarto**. Disponível em: <https://youtu.be/6AvUP-IoYEo>. Acesso em: 12/03/2025.

Carolina Maria de Jesus é a figura central na questão da escrita como forma de resistência. Sua obra principal *Quarto de Despejo*, escancara com potencialidade a realidade nua e crua de uma mulher negra, pobre, favelada e mãe solteira na sociedade paulista dos anos 50. O seu trabalho foi fundamental para levantar a voz da mulher negra, promover uma denúncia social, desconstruir estereótipos e acima de tudo inferir o lugar de fala da mulher negra na sociedade.

Nasceu em Minas Gerais, no ano de 1914, viveu numa zona rural, depois migrou para a cidade de São Paulo, tendo conseguido emprego na cidade, como doméstica. Após ter o seu primeiro filho, seus patrões não permitiram que continuassem no serviço e por conta disso teve que deixar seu trabalho, foi obrigada a viver numa favela, num cômodo precário e em condições de vida sub-humanas. Nesse ambiente na qual vivia com seus filhos onde a miséria e a fome faziam-se presente nesse cenário, produziu um diário onde retratava a dura realidade de pessoas negras desfavorecidas pela sociedade racista: “*Quarto de Despejo*” (1960). C

Com essa produção pôde-se dar uma condição mais digna de vida a seus filhos e sair daquele ambiente inóspito e ser conhecida tanto nacionalmente como internacionalmente. Apesar de todo o sucesso, fora esquecida durante um período, sendo resgatada após estudos literários afrodescendentes o que possibilitou que houvesse interesse no reconhecimento de suas obras, inclusive como ferramenta de pesquisa literária. Morreu em São Paulo, no ano de 1977.

Vários estudos já foram produzidos com as temáticas apresentadas no diário, entre eles o de Almeida (2024). Nele a pesquisadora procurou analisar o impacto do racismo estrutural nas interações entre o negro pobre da favela e a classe mais abastada da sociedade branca que detinha de privilégios nos cenários da década de 1960 como se expõe nesta citação:

Jesus descreve de maneira contundente a negligência do Estado em fornecer serviços básicos e infraestrutura adequada para a comunidade da favela do Canindé. Em diversas passagens do livro, como quando relata as condições insalubres de seu barraco, a autora expõe a ausência de políticas públicas eficazes para garantir o acesso à moradia digna e condições sanitárias adequadas (Almeida, 2024, p. 224).

Com isso, observa-se que o assunto de maior alcance que a autora expõe em seu diário é a precária condição de vida que enfrentava na favela, sem nenhum suporte de ajuda do governo, já que era dever do poder público disponibilizar de condições favoráveis as pessoas, sem distinção de cor, gênero, no entanto, os favelados, pessoas que em sua maioria eram negras e sem instrução que permitissem ter uma vida digna, foram deixados à própria sorte, sujeitos a fome, a discriminação, onde eram julgadas por conta da cor da pele pelas pessoas brancas as

quais os negros e negras tinham contato, como por exemplo, próximo as fábricas onde jogavam no lixo alimentos que não eram aproveitados e não permitiam que os favelados próximos pegassem para suprir suas necessidades alimentícias, como fora lido no artigo.

Um outro trabalho denominado “História e Historicidade na representação do cotidiano em “O quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus” (2021), onde “Carolina entra para a história do Brasil e da literatura brasileira por ser uma das percussoras da literatura marginal, não só por escrever da margem e sobre a margem, mas também, por representar o grupo das mulheres que reivindicam voz e visibilidade social” , nesse trabalho (Santos, Soares e Lima, 2021, p. 3), buscam evidenciar como a literatura passou a revisitar a noção de História, e permitir que vozes negligenciadas pudessem se expressar, ocasionando uma transgressão de valores literários que muitas vezes eram construídos pela ideologia racista branca, que negligenciava expressões consideradas “inferiores”. Uma vez que a literatura sempre valorizava expressões que engrandecem a nação como os heróis nacionais, os simbolismos brasileiros sempre mesclado de romantismo ou que poderiam mesmo ter um viés realista, mas que nunca permitiram uma inclusão da negritude como forma de expressão.

1.3.3. CONCEIÇÃO EVARISTO⁴ (1946) - BREVE BIOGRAFIA E CONTRIBUIÇÕES LITERÁRIAS

Figura 3: Escritora Conceição Evaristo



Fonte: Site da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG).

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma escritora negra que possui importante destaque na Literatura Brasileira, especialmente por sua contribuição na abordagem de temas

⁴ As informações biográficas sobre a autora foram retiradas do canal no youtube a seguir :TV APARECIDA, **Conheça a história da escritora Conceição Evaristo**. 10 de março de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/9POX2gtfmFI>. Acesso em: 12/03/2025.

que conferem atenção as narrativas de mulheres negras no contexto social. Seus textos se destacam pela valorização de vozes marginalizadas, de identidade, memórias, desigualdades raciais e o foco especial na vivência de mulheres negras na sociedade.

A autora Conceição Evaristo é natural do estado da Bahia, foi babá, doméstica, dividiu horas de trabalho com a literatura, o que possibilitou ser poetisa, escritora de romances e professora, foi criada pela tia desde os sete anos, e onde pela qual obteve meios para estudar. Em Belo Horizonte, morava numa favela próxima ao centro da cidade, tinha entre as redondezas bairros de classe média, existindo aí uma disparidade entre a situação de riqueza e pobreza no espaço que morava. Na sua escola, havia divisão, na parte de cima era destinado aos alunos mais abastados, com boa estrutura; embaixo, o espaço que era o porão era destinado ao público negro.

Sua paixão pela literatura veio pela modalidade oral, pelas histórias que ouvia dentro de casa, por sua mãe, tia, tios. Vê a educação como uma opção de vida e pela qual teve experiência desde criança, é autora de diversas obras entre as quais está “Ponciá Vicêncio”, publicada em 2003.

Sobre esta obra, há diversos trabalhos publicados, entre eles o de Dias (2023, p. 3), nele o pesquisador elenca que:

Uma das principais características do romance diz respeito à narração da obra, que se alterna entre o passado e o presente da protagonista, detalhando desde as primeiras lembranças, brincadeiras e fantasias à violência doméstica sofrida pela personagem em sua fase adulta. A narração apresenta não apenas a visão de Ponciá em dois momentos diferentes – infância e fase adulta –, mas também como a protagonista, já mais velha, repensa a visão de mundo que tinha quando criança. Esse repensar da personagem já se constrói de forma consciente o entendimento de alegria quando era criança até a tristeza na sua fase adulta.

Nota-se no fragmento, que a protagonista tem capacidade discursiva de refletir sobre a realidade que a cerca, com isso pode traçar diversos aspectos que envolvem sua condição humana seja na fase da infância quanto adulta como por exemplo, a violência, que não se resumia apenas nas ações grosseiras contra seu corpo, mas também com o racismo. A possibilidade de ter voz é um dos quesitos que faz com que a palavra tenha um sentido de resistência, de ser autora de seu modo de ser e de se sentir, com o intuito de ser protagonista de sua vida, como se fosse uma modelação de uma pessoa que possui essência mas que precisa por si só compreender o seu eu, a partir daí criar sementes que possibilitem a voz feminina negra ter o alicerce de um valor simbólico e cultural a ser transmitido a outras pessoas que fazem parte de sua matriz étnico-racial.

Uma outra questão trabalhada em pesquisas é sobre o papel da história como meio de expressão da essência de vida daquele contexto étnico com o intuito seja de reescrever a história, os discursos oficiais, denunciar as marcas da história opressiva em voga ainda no presente, como a de Abreu (2012) sobre o passado escravo, o pesquisador aborda a questão da personagem denunciar o modo de vida dos negros pós – abolição:

Por meio das reminiscências da personagem principal denuncia as insatisfações com o pós-abolição, porque Ponciá se sente indignada com o fato de sua família e de outras da vizinhança compartilhar o mesmo ritmo de trabalho do período da escravidão. E, a isto se acresce o fato de narrar que tanto o pai quanto o avô da protagonista não vivenciaram o verdadeiro sentido de liberdade, o qual se acreditou como fim da escravidão, uma vez que eles continuaram aprisionados até a morte, de alguma forma, as terras em que o avô fora escravizado. O texto assim realiza um diálogo entre passado e presente, lembrança e vivência, além do real e imaginado (Abreu, 2012, p. 2).

Lembrar do passado, era um meio de reescrever e se situar na vivência que fez parte da vida da mocinha Ponciá, ao refletir sobre o passado da escravidão, na qual a relação social de domínio, opressão e servidão ainda permaneceram, após o fim do sistema escravocrata, sendo que a opressão se figurou nesse caso na pouca inserção social, isto é, simplesmente o negro alforriado fora deixado na condição de liberto mas sem um suporte que permitissem que reconstruíssem suas vidas e mesmo não continuassem com as condições de relações de exploração dados pelo sistema escravocrata, podendo ter moradias próprias, terem algum benefício que permitisse terem terras, cuidarem de suas lavouras e inserirem no comércio, fazendo valer de fato a noção de liberdade, pelo contrário, fixaram submissos a condições de empregados e a noção de que pessoas com cor negra estaria condicionada a morar em condições de pobreza e com poucos recursos financeiros. E pior de tudo não terem poder de agir, pensar e se guiar em suas vidas.

Sobre a oralidade, que envolve o falar e na qual por meio dela, as peculiaridades históricas e culturais do passado de um povo conseguem se perpetuar e ser uma gama de conhecimentos pertencentes a um núcleo étnico, na pesquisa de Matos (2013), há uma importante ressalva:

A oralidade está presente no romance pela voz da personagem principal Ponciá Vicêncio. Esta voz representa uma coletividade que agrega valores milenares para a construção de uma identidade coletiva que canta seus heróis negros esquecidos no processo da colonização e no embranquecimento da história do Brasil. Esses grupos marginalizados pelo racismo mascarado da sociedade encontram na literatura uma forma de sobreviver e descrever toda a limpeza étnica que os dominantes queriam fazer. Apesar dos grupos negros terem seus registros com base na memória, a escrita foi fundamental para denunciar as agruras sofridas pelos negros, a qual tira os dominadores da sua zona de conforto (Matos, 2013, p. 107).

Com isso, ela serve como um parâmetro histórico, que constitui a identidade étnica e cultural que molda a existência daquela pessoa, no caso de Ponciá, era uma ferramenta que resgataria o passado do sistema escravista, história dos seus avós, concatenando como era a forma de se viver naquele passado de opressão e até mesmo fazer valer as suas tradições ancestrais, como os saberes, as danças, os modos de ser, tudo isso fazendo parte de uma coletividade histórica que ela fazia parte e que precisava ser resgatada. Pois isso, seria uma forma de reescrever os discursos étnicos, moldados pela ótica do sistema opressor branco, que muitas vezes calava e ignorava a valorização racial étnica negra.

1.4 RESISTÊNCIAS: A LITERATURA FEMININA NEGRA BRASILEIRA E O DIÁLOGO COM A ESCRIVIVÊNCIA

A resistência sempre se materializa nos movimentos sociais, com o intuito de gerar transformações em algum aspecto seja ele político, econômico, de gênero ou no próprio ato de produzir literatura. Nesse último caso, a palavra, mais que apenas expressão de pensamento, configurou-se como uma chave de ação que permitiu que vozes excluídas do senso artístico pudessem expressar seus anseios, inquietações ou mesmo normas que possibilitassem a inclusão de discursos considerados inferiores pelo cânone, como o das mulheres negras, que muito fora deixada de lado na história literária brasileira. Para fundamentar mais essa questão de liberdade literária à escritoras negras, fez-se a leitura do material escrito por Nunes (2020), onde:

Pesquisar e estudar a Escrivivência de Conceição Evaristo é urgente: compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa (Nunes, 2020, p. 14).

Assim, a literatura para Evaristo serve como um mecanismo de ação da palavra que traçará parâmetros para que mulheres negras em especial, possam ter práticas exitosas em suas vidas que favoreçam dar significação às suas matrizes étnicas, que engradecerão a sua história e, como membro de um núcleo específico, fazendo com que seus valores sejam evidenciados pela sociedade. Com isso, a autora não apenas constituiu um campo teórico de feminismo negro com o intuito de expor vozes negras negligenciadas, mas também favorecer a rica interação de trocas de conhecimentos entre os membros desse grupo, cuja identidade pudesse ser constituída.

1.4.1 APROFUNDANDO A ESCREVIVÊNCIA

A escrevivência é em suma, a chave para fortalecer a historicidade feminina negra neste trabalho. Entender o conceito abarcado por Conceição Evaristo (2020), faz-nos compreender o sentido para além da grafia ou mero neologismo:

Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. [...]E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande” [...] Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças.[...] Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência (Evaristo, 2020, p. 29,30,31)

A definição de Evaristo (2020) revela a origem do termo Escrevivência, carregada de ancestralidade, memória e oralidade trazendo à tona a emergência de que mulheres negras precisam a partir de suas vozes serem reconhecidas e valorizadas. Escrever e narrar suas vivências, para as mulheres negras desde a escravatura até os dias atuais, não é só uma mera literariedade, pelo contrário, é um ato político de resistência e reexistência.

As memórias descritas, mas primeiramente narradas pelas mulheres negras são a prova de que o foco nestas temáticas pungentes nas falas delas, tornam-se elementos chaves para a complementação com outras teorias, como a da literatura feminina negra (que foca na interseccionalidade de raça, classe e gênero), por exemplo e a ruptura do silenciamento perpetrado na sociedade. Como destaca Souza, Barbosa e Aragão (2023, p.2):

A literatura negra brasileira com tessituras de escritoras negras representa a ruptura de silenciamento e invisibilidade imposto as mulheres negras nos diferentes momentos históricos da sociedade brasileira, desde Brasil Colonial até a República. Sobretudo, no processo de genocídio, misoginia e racismo epistêmico, reverberado pelo o modelo social patriarcal capitalista.

Assim, os autores afirmam que a literatura escrita por mulheres negras no Brasil é a maneira mais potente de quebrar este ciclo de invisibilidade e silenciamento dessas mulheres. Onde, o sistema que rege estas armadilhas de poder que promovem o genocídio, a misoginia e o racismo que oprimem, diretamente mulheres negras são denunciadas por meio da arte literária, portanto, essa literatura feminina negra torna-se o ato fundamental de resistência contra esse sistema de opressão.

1.5 LEI 10.639/2003 – ENSINAR É RECONHECER

A lei federal 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afrobrasileira e indígena na educação básica, representa uma importante ação no que tange a educação brasileira. E esta institucionalidade não atinge meramente as escolas, pelo contrário, ela transcende e configura-se como importante ferramenta no combate ao racismo e na promoção da equidade racial e de gênero. Esta ação abrangente dos estudos afro-brasileiros, abre espaço para que as narrativas de mulheres negras, marginalizadas e silenciadas, passem a ganhar voz nas escolas e também na sociedade. E assim, permite que as vivências de mulheres de áreas periféricas dialoguem com as narrativas de autoras negras.

A história e cultura afro-brasileira sempre foram lembradas nas escolas em um contexto histórico marcado pelos aspectos da escravidão, onde os homens e mulheres negros eram cotidianamente relacionados ao trabalho escravo e à submissão. Com a criação da Lei 10.639/2003, que alterou a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) essa realidade precisou ser repensada e modificada nos estabelecimentos de ensino, como consta na legislação brasileira:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências (Brasil, 2003, [s.p.]).

Com a lei o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares de todo o Brasil tornou-se obrigatório, possibilitando o reconhecimento de vozes antes silenciadas e revelando-se importante aliada na luta contra o racismo no Brasil. A criação da lei 10.639/2003 foi fundamental para que houvesse uma correlação entre a visibilidade histórica e a valorização de grupos marginalizados, como os negros, e em especial, que fosse dada a importância devida para as mulheres negras que cotidianamente sofrem por questões de gênero e isso se revela ainda mais grave quando é levado para o contexto racial.

Isso se deu em virtude de o cenário atual na sociedade, em que os estereótipos racistas precisavam ser desconstruídos, o ensino antes disseminado nas escolas restringia-se, em grande parte, à aspectos escravocratas. Sendo assim, a importância de se estabelecer uma lei que promulgasse um ensino que promova a igualdade racial na educação representa um marco essencial no reconhecimento da importante contribuição dos povos africanos na formação da história brasileira, além de ser um mecanismo primordial na construção de uma sociedade equitativa e menos racista, pois a lei visa não somente promulgar o conhecimento dos estudantes

sobre a cultura e história afro-brasileira, mas acima de tudo fortalecer a ideia de que é possível formar cidadãos mais responsáveis e conscientes da causa preta, sendo assim:

A implementação da Lei nº 10.639/03 e de suas respectivas diretrizes curriculares nacionais vem se somar às demandas do Movimento Negro, de intelectuais e de outros movimentos sociais, que se mantêm atentos à luta pela superação do racismo na sociedade, de modo geral, e na educação escolar, em específico. Estes grupos partilham da concepção de que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de representações positivas dos afro-brasileiros e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. Acreditam que a escola, sobretudo a pública, exerce papel fundamental na construção de uma educação para a diversidade (Gomes, 2008, p.39).

Com a implementação dessa lei houve a possibilidade de reconhecer e valorizar a cultura e história afro-brasileira e africana. Desse modo, não só homens, mas sobretudo, mulheres negras (autoras, literatas) puderam ter seus trabalhos reconhecidos e suas vozes ecoadas num cenário literário dominado por homens brancos. Promover visibilidade as vozes das autoras nas escolas públicas faz com que suas histórias sejam disseminadas fora dos muros das escolas, nas casas, no seio familiar e assim conectando histórias como as que foram apresentadas nesta monografia. E ainda nessa perspectiva, o diálogo entre a lei 10.639/03 e a literatura feminina negra são elementos chaves para a construção da representatividade feminina negra que foi esboçada nas narrativas de mulheres do bairro do Castanhal. E não somente, a interligação entre a lei e o reconhecimento da figura feminina negra no universo literário é uma forma de transpor sua identidade e resistência, gerando um enriquecimento do conhecimento histórico e cultural afro-brasileiro.

1.6 CASTANHAL: OCUPAÇÃO OU INVASÃO?

1.6.1 A DENOMINAÇÃO “INVASÃO”

A classificação do bairro Castanhal como invasão passou a ser veiculada pelas grandes mídias logo no início do ano de ocupação da localidade. É o que aponta matérias que foram veiculadas no blog Fato Amazônico (2016, [s.p]):

Os focos de invasões registrados pelo blog De Amazônia, estão no bairro Pascoal Alaggio, no bairro Paulo Correa (área da orla) e duas no bairro da União (uma na área das centenárias Castanheira, espaço reservado ao bosque municipal e de proteção ambiental e a outra no terreno que foi delimitado para ser de reservatório de água do Saae).

A propagação do termo “invasão” tornou-se dominante nos meios de comunicação e também nas instituições do poder público. A alcunha destinada aos ocupantes, como invasores

focava deliberadamente na questão da ilegalidade e usurpação de bens privados. E isso tornou-se uma ferramenta dominante pelo fortalecimento de falas como a do ex-prefeito Frank Luiz da Cunha Garcia do município de Parintins que, em declaração e formalização na Proposta de Criação da Área de Relevante Interesse Ecológico: Parque Municipal dos Itaúnas fez a seguinte escrita “o futuro de Parintins não pode ser ditado pelas invasões por espaços residências que sempre pressionara os governantes e acabaram com as áreas verdes⁵.”

O ato de invadir terras está anexado no artigo vinte da Lei nº 4947 (1966, [s.p]) que consta, “invadir, com intenção de ocupá-las, terras da União, dos Estados e dos Municípios:

Pena: Detenção de 6 meses a 3 anos”. De acordo com a lei, as “invasões” são consideradas atos ilícitos que contribuem diretamente para a desordem pública e são cabíveis de veemente punição nos autos da legislação brasileira. No Castanhal, as infrações são ainda mais graves pois trata-se de uma área de vegetação, com castanheiras centenárias e às margens do rio Macurany o que tornava a permanência de habitações uma constante tratativa a ser negada.

Neste sentido, a partir do que foi exposto a denominação “invasão” atribuída ao momento vivido na localidade Castanhal enfatizou a ideia vista até hoje de um ato criminoso. Ou seja, de algo que precisa ser combatido com dureza punindo aqueles que insistem em ir contra as leis.

1.6.2 A PERSPECTIVA DE “OCUPAÇÃO”

O que hoje conhece-se como bairro Castanhal já recebeu o nome de “ocupação” do Castanhal. Durante oito anos essa denominação foi utilizada pelos próprios moradores, porém isso só aconteceu depois de um longo processo de estudo e entendimento do que cada termo utilizado para nomear a localidade, de fato significava. Muitas foram as condições que levaram à ocupação do Castanhal, mas entre as principais questões está a luta por uma moradia e por conseguinte a fuga dos altos valores de aluguel, o escape da moradia de terceiros (como parentes, sogros e tios) e a falta de políticas públicas adequadas que atendessem e atendam as famílias de baixa renda.

Em Parintins há registros de diversas associações que foram criadas no início das ocupações de terra da cidade. Esses movimentos foram constituídos, muitas das vezes, para articular a pauta da moradia junto ao poder público. É importante lembrar que o município possui um histórico marcado pelas ocupações, ou seja, hoje o fenômeno que “culturalmente” acontece

⁵ Esta informação foi retirada do projeto intitulado “Proposta de Criação da Área de Relevante Interesse Ecológico: Parque Municipal dos Itaúnas” da Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Parintins.

na época das eleições municipais vem sendo moldado desde os anos 70 com o êxodo rural. Conforme demonstrado por Souza (2013, p. 58):

Em 1975 acontece a segunda maior enchente do Rio Amazonas, ocasião em que 13,45% dos ribeirinhos foram obrigados a abandonar a área rural e ocupar a área urbana, registrando a primeira explosão demográfica urbana, pelo característico fenômeno do êxodo rural.

Com o constante avanço populacional, Parintins sofreu sucessivas ocupações de áreas. E essa questão fundiária no município foi ano após ano arrastando-se, em grande parte pelo aumento populacional interior/cidade, mas principalmente, pela falta de políticas habitacionais que garantissem os direitos dos habitantes da cidade que até então moravam no interior do município. Em decorrência disso, hoje em dia esta prática tornou-se um meio comum entre os populares e vem acarretado numa gradativa marca de expansão territorial.

No que diz respeito às diferenças entre “ocupação” e “invasão”, ambas possuem uma disputa ideológica quanto aos conceitos e aplicações na sociedade. Como argumenta Indursky (2002, p. 125):

Ocupação tem como referente a *terra improdutivo*. Invasão constrói como referente a *terra privada*. A primeira, por tratar da terra improdutivo, trabalha o *sentido ético* de uma terra que, por ser improdutivo, deve ser redistribuída para aqueles que o desejam possam cultivá-la para dela tirar a sua subsistência e a dos seus. A segunda, por possuir um proprietário, põe em relevo o sentido jurídico de violação da propriedade privada. A primeira remete à ideia de ação pacífica exercida sobre terras abandonadas e faz ressoar um já-dito anterior, proveniente do discurso religioso da ala progressista da Igreja Católica no Brasil. Vale dizer: a pastoral da terra, as comunidades eclesiais de base e a Teologia da Libertação. A segunda traz consigo o efeito de sentido de violação da propriedade privada, ou seja, discursiviza o desrespeito à lei e faz soar o discurso jurídico sobre o direito da propriedade e a ilegalidade daqueles que adotam a prática da *invasão*.

A distinção entre “invasão” e “ocupação” não está meramente ligada ao conceito. Ela reflete diretamente aos modos como cada uma é vivenciada no contexto habitacional. O primeiro termo designa-se pela ilegalidade, já o segundo cumpre uma função social a de tornar produtiva uma terra que não possui uso, ou seja, a “ocupação” pode ser entendida como uma forma de reivindicar o direito de habitação dos cidadãos, a luta por uma moradia digna e a legitimação da verdadeira função da terra. É nesse sentido, que alicerçamos a menção de função da terra no Artigo 184 da Constituição Federal (1988, [s.p]):

Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social, mediante prévia e justa

indenização em títulos da dívida agrária, com cláusula de preservação do valor real, resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão, e cuja utilização será definida em lei.

Assim, a perspectiva de “ocupação” pensada sob um viés social no bairro Castanhal, parte das primícias de que a ação de ocupar terras não é apenas um ato isolado, mas sim um mecanismo fortalecido pela coletividade, de resistência, como resposta a uma necessidade social e pela busca da garantia de um direito fundamental a todo cidadão, o da habitação. Vale ressaltar que a polaridade existente entre essas duas vertentes é fundamental para entender o que para os ocupantes é uma forma de conseguir um espaço de moradia, e para os governantes e sociedade em geral que, não está familiarizada ao processo de “ocupar” e “invadir” é apenas uma transgressão.

Esta tensão existente entre “ocupação” e “invasão” é crucial para uma nova compreensão. Tendo em vista que, as narrativas das mulheres do Castanhal e o confronto com as narrativas de autoras negras brasileiras abrangem uma nova modalidade de espaço de luta e resistência e trazem à tona a tão esperada nova percepção. Segundo Franco (2012, p.45), a dialética busca pensar o todo levando em consideração todas as suas partes, inclusive, as suas contradições ora diferenciando-se, ora relacionando-se.

Além de fundir as ideias das vivências reais e literárias, como aponta Candido (1970, p.77):

OD, dialética da ordem e da desordem, é um princípio válido de generalização, que organiza em profundidade tanto AB quanto A'B', dando-lhes inteligibilidade, sendo ao mesmo tempo real e fictício, - dimensão comum onde ambos se encontram, e que *explica* tanto um quanto outro. A'B' não vem de AB diretamente, pois o sentimento da realidade na ficção pressupõe o dado real mas não depende dele. Depende de princípios mediadores, geralmente ocultos, que estruturam a obra e graças aos quais se tornam coerentes as duas séries, a real e a fictícia.

Nesta perspectiva de real e fictício, Candido (1970) propõe que a dialética pode ser observada no sentido da ordem e da desordem permitindo que seja possível enxergar aquilo que está por trás do mundo real e também das histórias que são criadas. Ainda assim, ele resume que o literário (ou fictício) não depende diretamente da realidade para existir, ou seja, ainda que ela precise de elementos da realidade não há uma regra que obrigue a fidedignidade com a realidade.

Deste modo, observou-se que os princípios mediadores utilizados para estabelecer o diálogo entre as narrativas de mulheres e a Literatura Feminina Negra Brasileira partiram desse pressuposto do método dialético, onde aquilo que foi narrado por meio das obras de autoria feminina negra brasileira, por vezes esbarrava na realidade das mulheres entrevistadas e nem

sempre era uma cópia fiel daquilo que era vivenciado por elas, mas foi crucial para que pudesse ser moldado uma nova percepção da realidade na qual elas estão inseridas.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Sabe-se que o percurso metodológico é o momento crucial da pesquisa, pois garante credibilidade e investiga com minuciosidade as etapas do trabalho científico proposto pelo pesquisador. Segundo Lakatos (2003, p.82), a autora conceitua e afirma que:

O método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Neste sentido a autora afirma que o método não é apenas um aglomerado de atividades aleatórias que compõem uma pesquisa, pelo contrário, ele é um sistema muito bem esquematizado e lógico que contribui para que cada etapa do trabalho do pesquisador seja cumprida de forma racional seguindo os critérios estabelecidos nos procedimentos metodológicos escolhidos. Ainda nessa perspectiva cabe lembrar, portanto, a importância de se entender e transcorrer a pesquisa de acordo com o método de abordagem adotado, pois auxilia de forma clara e concisa a compreensão das etapas seguidas para chegar-se aos resultados esperados. Pois, de acordo com Prodanov (2013, p.26) esses métodos esclarecem os procedimentos lógicos que deverão ser seguidos no processo de investigação científica dos fatos da natureza e da sociedade.

Dessa forma, o método de abordagem empregado nessa pesquisa é o dialético pois busca compreender a realidade por meio da mudança. Essa abordagem permite reconhecer as contradições existentes na inserção das narrativas orais das mulheres e o diálogo com a Literatura Feminina Negra Brasileira. Além disso, o método dialético visa uma compreensão mais aprofundada do que está sendo pesquisado, pois leva em consideração a ideia de que os fatos não podem ser estudados de forma isolada e sim a partir da interação entre as partes e o meio no qual o objeto está inserido. Em suma, é o que afirma Prodanov (2013, p. 35):

Em síntese, o método dialético parte da premissa de que, na natureza, tudo se relaciona, transforma-se e há sempre uma contradição inerente a cada fenômeno. Nesse tipo de método, para conhecer determinado fenômeno ou objeto, o pesquisador precisa estudá-lo em todos os seus aspectos, suas relações e conexões, sem tratar o conhecimento como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança.

Assim, pensar na ideia de que tudo na natureza e nas ações humanas, em especial, está em constante mudança e passível de transformações é buscar entender que em meio a isso há as diversas contradições presentes, ainda que de forma intrínseca. Através desse método, a pesquisa foi analisada nas suas diferentes camadas reconhecendo que o objeto de estudo era regido de um processo evolutivo e deveria ser compreendido no seu todo, com todas as suas partes.

Tendo como base o objetivo geral que dá cerne a este trabalho, o de estabelecer um diálogo das narrativas de mulheres com a Literatura Feminina Negra Brasileira, buscou-se por meio dos procedimentos adotados responder e compreender os objetivos específicos estabelecidos. A pesquisa faz uma abordagem qualitativa, pois o enfoque é compreender com profundidade as narrativas das mulheres do bairro Castanhal dando ênfase as experiências narradas, suas vivências, lutas e resistências. De acordo com Minayo (2012, p. 623):

O verbo principal da análise qualitativa é compreender. Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere.

Neste sentido, a citação reforça a importância de a pesquisa ter sido abordada sob um viés de compreensão mútua, pois fica claro que a análise qualitativa utilizada foi além da mera descritibilidade, pelo contrário ela visou compreender as pessoas mesmo com todas as suas individualidades e lembrando sempre que as experiências narradas por cada uma das entrevistadas ainda que de forma única e singular trazem consigo marcas da coletividade enraizadas em sua essência.

O tipo de pesquisa utilizado nesse trabalho foi o da pesquisa participante. Essa pesquisa é aquela na qual o pesquisador se envolve ativamente com o grupo ou comunidade que está sendo estudada. A pesquisa participante foi adotada neste trabalho, pois conecta diretamente as escolhas metodológicas à natureza do problema levantado e além do mais acontece *in loco*, ou seja, diretamente no local onde os integrantes da pesquisa estão inseridos e caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com o grupo estudado. Além disso, o principal preceito desse tipo de pesquisa destaca o envolvimento real do pesquisador com os pesquisados para uma compreensão mais aprofundada do objeto de estudo. Em relação a pesquisa participante, Gil (2008, p.30) tece a seguinte ideia “tanto a pesquisa ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa. Neste sentido, distanciam-se dos princípios da pesquisa científica acadêmica”.

2.1 CAMPO DE PESQUISA: BAIRRO CASTANHAL

O bairro Castanhal fica localizado no município de Parintins, no interior do Amazonas. A cidade de Parintins é uma localidade que possui importante destaque em todo o contexto amazônico, seja na área da cultura, seja na economia da região norte. A cidade está localizada na região do Baixo Amazonas, e é sede do Festival Folclórico dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso que acontece todos os anos no último fim de semana do mês de junho. Além de ser um dos mais importantes eventos culturais do Brasil, o festival folclórico é o principal gerador de movimento da economia no município, pois movimentava a renda local não só nas três noites de apresentação dos bois, mas durante alguns meses que antecedem e procedem a grande festa a céu aberto.

Figura 4: Bairro Castanhal



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A localização do bairro fica situada na zona sul do município, concomitante ao bairro União. A área onde hoje o bairro está fincado era apenas um terreno baldio da prefeitura do município, que acabou sendo abandonado e transformado em ponto de lixeira viciada pelos moradores das proximidades, logo após a ordenação do bairro União. O Castanhal é uma comunidade fruto de ocupação de terras que teve início no ano de 2016, com a junção de várias famílias que se reuniram para ocupar a área que até então estava ociosa. Hoje o tipo de ocupação é predominantemente residencial, ou seja, as casas que ocupam a área são apenas para habitação, no entanto, há algumas residências onde funcionam pequenos comércios, salão de beleza e borracharia.

A escolha da comunidade para ser objeto deste estudo se deu por conta principalmente do envolvimento real da pesquisadora com a localidade pois, dada a importância social do bairro Castanhal que vai muito além da localidade na qual ele está inserido, tornou-se um local rico para diversos estudos e no caso deste trabalho no que tange a coleta das narrativas das mulheres,

da possível regularização do bairro com o auxílio de pessoas que se dispusessem a lutar pela causa. Pois, viver no contexto de ocupação já é em si uma tarefa muito árdua e portanto, para que isso fosse sanado precisaria de esforço contínuo perante a sociedade e o poder público para o sonho de um terreno próprio ser assim concretizado.

2.2 TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Nesta seção será abordado a ferramenta utilizada para coletar as informações para a pesquisa, como as entrevistas responsáveis por captar a historicidade do Bairro Castanhal contada sob a perspectiva das mulheres selecionadas fundamental para estabelecer o diálogo com a Literatura Feminina Negra Brasileira, onde foram utilizados os seguintes textos das autoras negras, respectivamente: Reis (2018, p.118) com o texto “A preta Susana” da obra *Úrsula*, Evaristo (2018, p. 37, 38) com um trecho da obra *Ponciá Vicêncio* e Jesus (2014, p. 42,44, 47) com trechos da obra *Quarto de Despejo - Diário de uma favelada*.

2.2.1 ENTREVISTAS

Tendo em vista que, a base desse trabalho é numa perspectiva de escuta das vozes de mulheres do Castanhal silenciadas social e culturalmente. A técnica das entrevistas foi uma das ferramentas fundamentais na coleta de dados para que esse processo fosse bem executado e assim estudado. A entrevista enquanto técnica de coleta de dados pode ser conceituada como:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. **Mais** especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (Gil, 2008, p.109) (sic).

Sendo assim, o tipo de entrevista utilizado neste trabalho foi a entrevista aberta e não estruturada, pois ela garantiu que o trabalho fosse produzido de maneira mais leve e com menos rigor, trazendo assim uma espontaneidade e liberdade nas falas das entrevistadas, como bem aponta as autoras Gonçalves, Silva e Soares (2024, [s.p]) "já na entrevista aberta, ou não estruturada, existem apenas temas e perguntas iniciais previstas para apoiar o entrevistador, que podem ser mudadas dependendo das respostas recebidas, podendo assim, elaborar novas questões ao longo da entrevista". Haja vista que as entrevistas foram instrumentos cruciais na coleta das narrativas das mulheres do bairro Castanhal, a maneira como foi trabalhada

pois neste contexto de comunidade periférica onde observa-se um silenciamento de vozes femininas busca-se fazer ecoar estas narrativas ricas em saberes e lutas. Além de por meio de estratégias narrativas trazer à tona a ideia de novos estudos na localidade, para trazer visibilidade e reconhecimento local.

O bairro possui um quantitativo de “cerca de 500 famílias” (AMBC,2016, [s, p].) de acordo com os levantamentos socioeconômicos da Associação por Moradia do Bairro Castanhal, uma entidade sem fins lucrativos, reconhecida e certificada no CNPJ: 27.190.471/0001-66, que ainda não possui prédio físico, porém está endereçada no próprio bairro cito a Rua 2 – nº 1082. A associação foi criada no dia trinta de junho do ano de 2016, de forma organizada e por meio de assembleia geral de fundação, logo no início da ocupação para contribuir na luta para a regularização fundiária do bairro e que até hoje permanece ativa na comunidade, sob a coordenação de Maisa Nunes dos Santos, moradora e integrante desta pesquisa.

A criação de uma associação se deu por conta, principalmente, da necessidade de organizar aquilo que até então era apenas uma simples ocupação de terras e em especial, para realizar a ponte entre o poder público e àqueles que passariam a responder pela comunidade. Dada a importância da criação de uma instituição que pudesse ir em busca dos anseios de toda uma comunidade e também para garantir a vivência democrática Lüchmann (2012, p. 66) sobre a criação de organizações civis, bem destaca:

Assim, para a vertente da democracia participativa, o principal argumento acerca da importância democrática das associações está ancorado na tese de que as associações são espaços ou instrumentos que qualificam a participação dos indivíduos como cidadãos, verdadeira essência da democracia. Associações provêm informações, contribuem para a criação de espaços de participação, empoderam indivíduos para uma participação mais ativa e qualificada junto às instituições participativas.

De forma geral, a importância das associações para uma comunidade é dada pela sua forte participação junto ao poder público, ou seja, para que isso concretize-se há a necessidade de participação comunitária. Ademais, ela está ali para contribuir diretamente para o fortalecimento de uma comunidade mais engajada, consciente e que luta por seus ideais em comum, funciona também como canal de informações para a comunidade, levando dados e ouvindo as demandas para que sejam repassadas ao poder público. Ainda neste sentido, ela oportuniza espaços de participação ativa da comunidade, além de empoderar os indivíduos que fazem parte do espaço no qual estão inseridos.

Sendo assim, a criação da associação em meio ao caos do momento de ocupação da área foi altamente necessária, pois houve a preocupação de um grupo de jovens moradores, na sua grande maioria formado por mulheres, quanto à busca por soluções da problemática em questão

proporcionou tanto às participantes como à entrevistadora maior flexibilidade e assim a obtenção de respostas mais espontâneas e leves trazendo assim dados relevantes para as análises.

As participantes selecionadas para esta pesquisa foram três mulheres negras que residem no bairro Castanhal. O tipo de amostragem utilizado constituiu-se apenas por acessibilidade e conveniência. Pois, de acordo com Gil (2008, p.94) sobre o tipo de amostragem:

Constitui o menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituída de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se este tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é requerido elevado nível de precisão.

No entanto, é importante salientar que a amostragem por acessibilidade e conveniência pode não trazer uma precisão nos resultados, vieses distintos de dados e também tornar-se tendenciosa, seja da parte da pesquisadora, como dos próprios participantes. Por tratar-se, no caso desta pesquisa, de um número reduzido de participantes, a amostragem pode trazer inferências imprecisas de parâmetros de uma população, ou seja, os dados colhidos refletem apenas a realidade da amostra e não de uma totalidade.

Os critérios utilizados para a seleção das mulheres foram os seguintes: o tempo que residem no bairro, as experiências que possuem como mulher, mãe e comunitária do Castanhal e a disponibilidade de participar da pesquisa para o enriquecimento pessoal e científico. Não se utilizou tanta rigorosidade na escolha das participantes, tendo em vista que as mulheres são pessoas comuns e que possuem rotinas extremamente lotadas de afazeres, sejam eles domésticos, comunitários e empregatício.

As entrevistas foram agendadas presencialmente depois da observação e participação real da pesquisadora na comunidade. O primeiro contato com as entrevistadas deu-se para marcar e explicar a que se referia a entrevista, no segundo encontro cada entrevistada recebeu a pesquisadora em sua casa, uma das participantes recebeu a entrevistadora no quintal de casa, e a condução da entrevista deu-se de forma leve. Havia momentos em que se dispersava do assunto da pesquisa e era lembrado momentos da história de luta do bairro Castanhal. A segunda entrevistada organizou uma mesa e cadeiras na varanda de casa para que pudesse ser dado andamento às perguntas e de maneira muito informal deu-se prosseguimento as entrevistas.

Em meio aos afazeres domésticos que comumente são destinados às mulheres, as participantes puderam doar um pouco do seu tempo para que pudessem conceder as entrevistas à pesquisadora. Em alguns momentos enquanto elas respondiam as perguntas éramos interrompidas pelas crianças que buscavam sempre a atenção dos adultos no local. Pôde-se

observar em diversos momentos que a história contada pelas mulheres trazia à tona fortes emoções, especialmente quando se tratava da questão da regularização do bairro e das constantes lutas que eram travadas para as quedas das reintegrações de posse da área e até mesmo de histórias pessoais. Na leitura dos trechos das obras das autoras selecionadas, houveram momentos de choro, voz embargada, pausas de silêncio, pois claramente aquilo que estava sendo lido relacionava-se com as histórias de suas próprias vidas.

Vale ressaltar que, mesmo diante da dificuldade do dia-a-dia das mulheres entrevistadas, de cumprir o papel de mãe e comunitária houve uma excelente recepção da pesquisadora por parte das entrevistadas. A coleta de dados foi realizada por meio de gravação no aplicativo do celular e as transcrições feitas e divididas no corpo do texto.

Para não haver nem um contratempo em relação à divulgação das imagens e dados das participantes a pesquisa seguiu os princípios éticos de acordo com a Lei nº 13.709/2018 que prevê que a imagem é considerada um dado pessoal, e precisa de autorização necessária para a possível divulgação, foi entregue as participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a leitura e assinatura. Tudo isso para que as entrevistas e imagens das participantes pudessem ser divulgadas nesta pesquisa com a ética necessária. Como consta na legislação brasileira:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural. (Brasil, 2018, [s.p.])

Como a entrevista seguiu o método aberto e não estruturado, foram utilizadas apenas perguntas norteadoras para que pudesse ser introduzido o assunto ao qual buscavam-se dados para a pesquisa. As perguntas foram as seguintes: “Conte-me um pouco sobre sua trajetória no Castanhal?”; “Você consegue fazer alguma conexão do trecho lido com a sua própria vida?”; “Que sentimento ou ideias esses pontos de vista diferentes trouxeram para você?”.

CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, abordaremos uma breve discussão acerca das denominações “invasão” e “ocupação”, além de trazer à tona a análise das narrativas colhidas por meio das entrevistas realizadas com as mulheres do bairro. O Castanhal que hoje é constituído de fato e de direito

como bairro já foi uma localidade fruto de ocupação de terras e que teve início no ano de 2016. A denominação do que hoje conhece-se como ocupação de terra, já obtivera e ainda perdura até hoje com a nomenclatura de “invasão”. Este termo que comumente está associado ao ato de “invadir terras privadas”, por muito tempo foi a principal forma de reconhecer a comunidade nas grandes mídias, no poder público e na sociedade em geral.

3.1 TESE - A HISTORICIDADE CONSTRUÍDA POR MULHERES DO BAIRRO CASTANHAL

Nesta seção do trabalho será apresentada a tese que constitui o método dialético proposto nesta pesquisa, alinhado ao objetivo geral deste trabalho que é de estabelecer um diálogo das narrativas das mulheres do bairro Castanhal com a Literatura Feminina Negra Brasileira. Estabelecer o diálogo entre as narrativas das mulheres do bairro com as autoras negras é fundamental para destacar a figura central delas e ampliar os horizontes acerca de temática que surgem nos textos das autoras e conectam-se com a arte literária.

As entrevistadas para esta pesquisa são mulheres negras que se caracterizam, especialmente, por suas histórias como mães, comunitárias e agentes de luta e resistências. A entrevistada Maisa Nunes dos Santos é comunitária, professora e líder da Associação por Moradia do Bairro Castanhal, é uma mulher que possui uma longa trajetória na comunidade. Reside no local desde o início da ocupação, e fez parte da fundação da associação.

A segunda entrevistada dona Maria Sônia, uma senhora indígena, mãe, comunitária e que reside desde a ocupação do bairro Castanhal. Possui uma trajetória marcada pela luta, saiu de sua comunidade nomeada por ela como área, que mesmo em meio às dificuldades da vida na cidade não desistiu da oportunidade de ter uma casa própria. A terceira entrevistada chama-se Joana Matos, é uma senhora negra, mãe, avó e comunitária do Castanhal. É considerada a chefe do lar, lutou pela conquista do seu terreno na ocupação e mesmo idosa teve forças para fazer valer o direito à moradia.

A história do Castanhal possui diversas vertentes. Há a versão contada pela sociedade em geral, que rotula a ocupação e seus ocupantes como vândalos e marginais. Há também a versão contada pelo poder público, que em meio ao fortalecimento das matérias e notícias veiculadas pelas grandes mídias nomeou a ocupação como invasão.

E há a versão contada e enraizada pelos próprios moradores do bairro, que intensificada pela história coletiva e das lideranças da associação denominam o Castanhal como ocupação e

um espaço de luta, de reivindicação pelo direito à moradia digna, de socialização e propagação de saberes diversos.

A ocupação teve início no ano de 2016, e foi gradativamente sendo ocupada por famílias que buscavam na área ocupada a oportunidade de conseguir a moradia própria, muitas vezes motivadas pela necessidade financeira, a fuga dos aluguéis e do compartilhamento dos lares de terceiros. É o que afirma a entrevistada Maria Sônia:

Eu sou uma moradora aqui do “Castanhal”, há muitos anos já, uns oito anos, já que não tinha moradia própria, morava de aluguel, meu marido trabalhava pagava o aluguel para a gente morar, nós morávamos no interior depois viajamos para a cidade e aqui nós vimos esta invasão e nós viemos para cá, e ainda era ocupação, aí viemos para cá, morar e na primeira vez nós fizemos nossa barraquinha, eu e meu marido, jogaram na primeira vez nossa casinha, tornamos construir de novo e o pessoal não jogaram mais porque já estava em outro terreno (...) aí morávamos numa barraquinha coberta de encerado eu e ele, apanhando de carapanã, aí os meninos moravam longe da gente, lá na casa onde alugamos, e enquanto eu e meu marido moramos aqui até conseguir nosso terreno (Gomes, 2025).

De acordo com a fala da entrevistada o principal motivo que a levou a vir para a ocupação foi a fuga do aluguel e o constante desejo de uma moradia digna. Conforme Evaristo (2016, p. 13) “a mulher negra tem muitas formas de estar no mundo (todos tem). Mas um contexto desfavorável, um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê?”. Nota-se na fala da entrevistada como foi vivenciada os primeiros momentos na ocupação, a precariedade “morávamos numa barraquinha coberta de encerado”, a tristeza por estar longe dos filhos que continuavam morando na casa alugada enquanto o casal já vivia na ocupação mesmo em meio aos constantes desafios do dia a dia. E em suma, nota-se que, mesmo assim a família persiste em busca da conquista do terreno para construir uma moradia.

Hoje a comunidade que recentemente foi legalizada como bairro através de projeto de lei na Câmara Municipal de Parintins ainda não possui a infraestrutura necessária para atender aos moradores. As condições de vida ainda são muito precárias e escancaram ainda mais a realidade discrepante vivida pelos moradores do Castanhal, serviços de energia elétrica, coleta de lixo doméstico, asfaltamento, água de qualidade, essenciais à vida urbana ainda são ausentes no Castanhal. Como enfatiza a entrevistada Maisa Nunes (2025, p. 1), “o cotidiano da mulher de ocupação é uma luta. Tendo em vista que nós não temos urbanização, nós não temos energia, nós não temos água também de qualidade, então é uma luta”. São moradoras periféricas marginalizadas, mas que reforçam a “dignidade, resistência, crítica e luta dos que se identificam como periféricos” (Cunha; Fletram, 2013, p. 11).

A luta por moradia é um constante acontecimento no município de Parintins. E no Castanhal é uma temática de resistência bastante recorrente, e isso pode ser observado tanto nas narrativas das mulheres do bairro como no diálogo que foi proposto com a obras de autoria negra brasileira. Diante disso, o conceito de luta funde-se ao conceito de escrevivência, que significa a inscrição, no texto de escritoras negras, do “desejo de que as marcas da experiência étnica, de classe ou gênero estejam realmente representadas no corpo do texto literário” Côrtes (2018, p. 52).

E nas narrativas das mulheres foi possível observar alguns dos principais motivos que levaram-nas a ir em busca do tão almejado terreno para construir as suas moradias. Como bem afirma a entrevistada Maisa Nunes:

O principal motivo que me levou a ocupar o Castanhal foi a necessidade de ter um lugar para morar com minha família. Eu vejo a luta por moradia aqui como uma história sofrida mesmo, de entrega das suas horas, dias e noite até. Lutamos desde a chegada com a organização dos nossos lotes, lutamos por permanência no local com as várias reintegrações quando na última e decisiva na terceira instância conseguimos que o juiz suspendesse a reintegração de uma vez por todas. Lutamos por morar no local sem energia, sem água, sem urbanização nenhuma. Algo que lutamos até hoje por dignidade de todos que aqui vivem. Lutamos pela nossa moradia todos os dias, até mesmo com o título definitivo em mãos (Nunes, 2025).

A fala da entrevistada revela algo muito pertinente em relação a temática da luta por moradia. Mostra como as mulheres mesmo diante da dificuldade vivenciada no processo de ocupação, tomaram para si a responsabilidade de ir em busca dos seus objetivos. E a luta por moradia tornou-se um lema em suas vidas, pois já não via-se apenas o ato de ocupar como um momento isolado, pelo contrário, encarava-se a experiência que antes era vivida como individual como uma luta coletiva. Essa luta que se constituiu como “experiências possíveis e disponíveis para um diálogo mutuo entre as lutas que enfrentam o colonialismo, o racismo e a negação do ser e da história”. (Menezes, 2017, p. 187).

Observa-se que há este embate na fala da entrevistada, entre a luta versus a necessidade, o individual versus coletivo, pois o que antes pairava sobre a vida dessas mulheres como uma necessidade vivida individualmente, passou a ser vivenciada tempos depois de forma coletiva, ou seja, a luta por uma moradia digna tornou-se um mecanismo de elo e força que uniu e transformou a realidade das mulheres do bairro Castanhal. É, portanto, “nas disputas efetivas pelas terras e pelos povos dessas terras” (Said 2011, p. 39).

Nesta perspectiva, nota-se que muitas questões estavam em jogo logo no primeiro momento de chegada a localidade que seria ocupada, por exemplo, o confronto entre o não possuir nada e a vontade de ter algo próprio, como enfatiza a entrevistada Maisa Nunes:

Nós chegamos aqui através de um chamado do primo meu esposo, que nos noticiou que estava tendo uma ocupação aqui nessa localidade e que ele tinha guardado terreno pra gente, que a gente poderia vir pra cá. Então quando de imediato nós viemos junto com meu marido e começamos a limpar o terreno, que era só mato, né? De mata mesmo. E limpamos o local onde nós iríamos ficar (Nunes, 2025).

A fala de Maisa Nunes faz ecoar a experiência vivida logo no início da ocupação. A necessidade de um lar e a precariedade da localidade faziam-se presentes neste primeiro momento, ademais a incerteza de que aquela ação daria certo, mas ainda assim houve a disponibilidade de realizar a limpeza local e começar ali a construção das suas moradias. De acordo com o pensamento de Djamila Ribeiro (2024, p. 63) “as experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratados de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar de silenciado estruturalmente”.

Outro tema recorrente nas narrativas das mulheres foi o da organização comunitária. Esta questão diz respeito a forma como os próprios moradores se organizaram para enfrentar a luta por moradia de forma estruturada. De acordo com a líder comunitária Maisa Nunes:

De início não tínhamos nem ideia de como se iniciava, de como era o primeiro passo, foi quando um morador que já tinha alguma noção, teve a ideia de montarmos um grupo para uma futura associação, isso se deu depois da primeira reintegração de posse. Foi quando fizemos uma assembleia pra compor o grupo, e protegíamos (Nunes, 2025).

Segundo a fala da comunitária, esse esquema de organização surge a partir da observação feita pelos próprios moradores que identificaram a partir das trajetórias dos outros bairros, a necessidade de uma entidade que organizasse os feitos e buscas para a solução da problemática em questão. Esta mobilização de um grupo de jovens, em sua grande maioria formada por mulheres foi extremamente necessária para que houvesse junto ao poder público as tratativas concretas possíveis para a regularização fundiária. Esta ação evidenciou a força do coletivo, das mulheres que juntas uniram-se em busca de um objetivo em comum.

Figura 5: Grupo de moradores que formam a associação.



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Outro momento a ser destacado na narrativa de Nunes é quando se elenca a falta de oportunidades e a conseqüente exclusão social sofrida pelas mulheres do Castanhal, como observa-se na expressão “E também são mulheres que têm pouco espaço, né? Não tem tanta inclusão e não tem tanta, como eu posso dizer, não tem oportunidades de emprego para que ela se estabeleça na sociedade”. Ou seja, essa falta de oportunidades declarada pela entrevistada vai em confronto com a capacidade ativa dessas mulheres de serem, por muitas das vezes, as principais provedoras de sustento de suas famílias. Pacheco e Dias (2023, p. 279) argumentam que:

Vive-se em um país onde a cor da pele determina quem tem mais oportunidades e direitos e quem tem menos; mais do que isso, determina em diversos casos quem tem direito à vida e quem tem direito à morte. Em um país em que a mulher negra tem travado uma trajetória histórica de resistência e lutas por legitimidade e inclusão social, contribuindo de forma efetiva na construção de uma nação democrática e igualitária. Os desafios impostos em função de nossa ancestralidade impactam nossa dinâmica socioeconômica.

Em suma, a fala de Maisa aponta para o desejo de transformação e inclusão social, especialmente para as mulheres, pois a luta cotidiana, a ausência de condições básicas para viver e a falta de oportunidades na sociedade refletem essa tensão e a necessidade de mudança. A mulher deste contexto de periferia é uma mulher caracterizada por suas lutas diárias, pelos seus múltiplos papéis na sociedade e principalmente pela sobrecarga que culturalmente é decaída sobre o gênero feminino. É o que observa a entrevistada Maisa Nunes:

O cotidiano da mulher de ocupação é uma luta. Não é fácil! [...] As mulheres do Castanhal são, eu sempre digo que são pouco homens e pouco mulheres. São mais

mulheres. Elas fazem o papel ao todo de mães e pais. São mulheres que acordam cedo da manhã para fazer o café do seu filho, dar banho nele para levar para a escola, são mulheres de muitos filhos também, são mulheres abandonadas pelo seu companheiro, são mulheres de luta, são mulheres que estão em busca do melhor para sua família. A gente pode também falar sobre a questão de mulheres que trabalham fora ter o pão de cada dia da sua família. São mulheres que são envolvidas nos movimentos para justamente buscar essa renda para trazer para dentro de casa. E também são mulheres que têm pouco espaço, né? Tanta inclusão e não tem tanta, como eu posso dizer, não tem oportunidade para que ela se estabeleça na sociedade. As nossas mulheres são essas, mulheres humildes, mulheres do interior, mulheres de áreas periféricas, que vêm aqui construir o nosso bairro (Nunes, 2025).

Na fala da entrevistada é possível observar como acontece o cotidiano das mulheres do bairro Castanhal. Em resumo, essa experiência é vivenciada de modo geral pelas mulheres que residem na localidade e aponta diretamente à mulher como um sujeito de luta e isso fica evidenciado na expressão que a locutora usa logo no início “o cotidiano da mulher de ocupação é uma luta, não é fácil.” Já exemplificando com as diversas problemáticas que são enfrentadas por elas no contexto de ocupação, como a falta de infraestrutura e de saneamento básico. As autoras Pacheco e Dias (2023, p. 279) argumentam que:

Em tempos de aprofundamento do ideário neoliberal na realidade brasileira e do aumento do discurso de ódio, torna-se mais urgente e necessária a organização de movimentos sociais concatenados com as lutas do povo, bem como a construção de políticas sociais que visem à igualdade.

Diante das inúmeras dificuldades e das discrepantes diferenças sociais relatada pelas entrevistadas, uma das formas que as mulheres do Castanhal tiveram para driblar a dificuldade financeira foi a informalidade. O trabalho informal dentro da comunidade é uma maneira de sanar a dificuldade financeira e também uma maneira delas se inserirem na sociedade, tendo em vista que o trabalho fora de casa é mais difícil de conseguir e manter ainda mais quando há os filhos pequenos onde o desafio é ainda maior, pois não há a possibilidade de deixar as crianças em qualquer lugar ou com pessoas estranhas, como comenta a entrevistada Maisa sobre os trabalhos informais:

[...]essas são uma das formas, como eu havia dito na fala né, elas buscam sempre estar aí ganhando esse espaço na sociedade. Tanto é que esse vínculo delas buscarem esses cursos é justamente para ganhar esse benefício, né, dessa renda de trazer para sua família, para a própria comunidade. E nós temos muito esse perfil na comunidade, mulheres que são cozinheiras, manicures, donas de comércio, né. Então assim, são esses vínculos que elas acharam pra que elas pudessem ter o seu próprio dinheiro, né a sua própria renda (Nunes, 2025).

Assim, de acordo com a fala da entrevistada observa-se que as mulheres da comunidade estão sempre em busca de espaço e de reconhecimento perante a sociedade. Esses desafios

enfrentados por elas, sejam eles econômicos ou sociais confrontam-se com as muitas formas de resistência e empoderamento que essas mulheres construíram para prevalecer seus desejos em meio a uma sociedade majoritariamente machista e que faz questão de deixar, principalmente, mulheres e mães fora do mercado de trabalho. A partir de uma perspectiva feminista, é urgente garantir o “financiamento de políticas públicas para as mulheres sem, entretanto, perder de vista a estratégia e o objetivo de construir uma outra economia, outra sociedade, outra política, onde a dignidade e os direitos humanos prevaleçam” (Vieira, 2015, p. 4).

Em suma, a busca por conhecimento para aprimorar as suas habilidades, tornam-se ferramentas fundamentais para a conquista da autonomia financeira feminina, contribuindo assim para a melhora na qualidade de vida para e suas famílias. A maternidade é outra importante temática que se faz presente nas narrativas das mulheres do Castanhal. Como aponta a fala de dona Maria Sônia ao ser perguntada sobre como ela descreveria o seu cotidiano como mãe e mulher no Castanhal, “como uma mãezona, de todos aqui, dos netos, eu me considero como uma mãezona. Para ela não é apenas o fator biológico que a torna mãe, para a dona Maria ela é uma “mãezona” de todos por ser a principal provedora de sustento na sua casa, não só para os filhos, mas principalmente para os netos:

É, é assim mesmo da minha vivência. Porque tudo os meus netos aqui, como vocês sabem desde quando começou, todo mundo é aqui em casa, é café, é comida quando tem, tem a casa deles lá, mas na minha casa tem um imã pra cá pra casa. Eu te digo é assim, (mas casa de vô é diferente, risadas) eu acho que é, é assim mesmo, vão tudo pra lá. Ai daqui é avó daqui, aí até o meu marido ele fala assim: “olha, Sônia se as mãe dessas crianças diz que nós vamo embora, aí eles nem ligam, mas se nós dizer que nós vamos embora eles já perguntam logo: “pra onde a senhora vai, vovó? Então eu vou também (risadas), já vão tudo correr pra lá, tudo eles perguntam (Gomes, 2025).

A fala de dona Maria Sônia revela com uma mescla de humor e muito carinho pelos seus filhos e netos sobre como funciona o papel dela de mãe e avó no contexto familiar. Para a entrevistada, a figura central na família é a dela como avó e a sua casa é como um lugar seguro onde as crianças podem ser acolhidas e ter o alimento necessário para o dia a dia.

Emerge, portanto, a contradição entre a figura de “autoridade” que normalmente vem dos pais perante os filhos e a figura de afetividade e dependência exercida pelos netos em relação aos avós. Isso demonstra claramente a importância dos avós para a vida de seus filhos e netos, tendo em vista, não só o sentimento, mas também a situação de dependência familiar. A autora Djamilia Ribeiro (2024, p. 65) verbaliza que “mulheres ainda são aquelas moldadas para desempenhar o trabalho doméstico e obrigadas a serem maiores responsáveis pela criação de seus filhos. Mulheres, sobretudo, negras, partem de pontos diferentes consequentemente desiguais”.

Outro tema emergente que surge em meio as narrativas das mulheres é a luta pela subsistência, pela alimentação diária. De acordo com a narrativa de Dona Maria sobre a tristeza que sente quando não há com o que alimentar as crianças:

Não, né uma coisa assim né, que dói na gente, né Porque é muito triste, a gente chegar na nossa casa e não ter o que comer e pelo menos para as crianças, que não sabem dizer que não tem né? Aí não tem, mas eles querem comer. Aí aqui, eu já passei por muitas coisas assim com eles, né? As vezes não tem uma comida para comer, às vezes eles querem, e isso sei lá, aquilo me dói, por que eu não tenho dinheiro pra mim comprar aquela comida para eles comerem e um pão de manhã, pelo menos uma coisinha e aquilo me dói, e é o que aconteceu com ela né? Tem um arrozinho ali, a mãe inventa um arrozinho dá para eles, eles ficam alegres, vira um mingau, correm para a rua e já que estão satisfeitos e as vezes eu digo “olha meus filhos, (eu falo pra eles) rezo, rezo pro pai de vocês, que é avô, né? Reza pra ele receber o dinheiro dele, por que nossa vida não tá bem não, não tá muito bem para o nosso lado não, um dia a gente come um dia a gente não come mas a gente vai levando, basta a gente ter saúde (Gomes, 2025).

A falta de recurso financeiros, conseqüentemente leva à falta de alimento na mesa. Esta temática se faz presente na fala de dona Maria, especialmente por ser algo que afeta diretamente as crianças (filhos e netos) que moram na mesma casa. Nota-se, portanto, o confronto entre a dor e a impotência diante da busca de uma mãe por soluções para saciar a fome de seus filhos, como é explicitado no trecho “tem um arrozinho ali, a mãe inventa um arrozinho dá para eles, eles ficam alegres, vira um mingau, correm para a rua e já que estão satisfeitos”. Em suma, a resiliência e a busca pelo melhor para os filhos tornam-se elementos fundamentais na luta contra as dificuldades.

3.1.2 REINTEGRAÇÃO DE POSSE: UMA HISTÓRIA COLETIVA DE RESISTÊNCIA FEMININA

As reintegrações de posse da área do Castanhal foram importantes marcos históricos na trajetória de luta dos moradores do Castanhal, mas em especial para as mulheres. A primeira reintegração que ocorreu no bairro, no ano de 2016 foi fundamental para testar a permanência dos moradores e moradoras, mas principalmente ela tornou-se um símbolo de união e resistência feminina. Como bem lembra a entrevistada Maisa Nunes:

Eu posso também relatar uma coisa que ficou bem lá no início mesmo, que foi logo quando nós entramos em maio, logo em julho nós tivemos a nossa primeira reintegração de posse, que foi um ato de coragem, um ato de também de desespero e de coragem, que uniu as mulheres, fizemos uma corrente humana para que a gente pudesse evitar a entrada dos policiais na ocupação, para derrubar nossas casas, que naquele tempo as nossas casas eram feitas de formas também bem inapropriadas,

como plástico, restos de PVC, também o nosso teto era palha, né? Então, assim, era feito com essas poucas coisas e na primeira reintegração de posse eu posso me lembrar, mesmo do desespero, mas também de um ato que foi feito pelas mulheres, uma corrente humana de mulheres, onde se encontravam mulheres grávidas, idosas, mulheres adolescentes que também já estavam ali à procura de um lar por estar grávida, né? Por estar com filhos. Então, assim. Nós podemos observar e lembrar hoje desse marco que também marcou nossa história de luta (Nunes,2025).

Neste trecho fica evidenciado a luta enfrentada pela comunidade em meio a reintegração de posse ocorrida no ano de 2016, a ameaça de perda de suas casas e o constante medo da insegurança do lar. Como é relatado pela interlocutora, através de um ato de coragem as mulheres uniram-se em prol da defesa de seus lugares, formando uma corrente humana para proteger a ocupação da entrada abrupta e ameaçadora feita por parte do contingente policial. Em suma, nota-se que neste momento o que prevaleceu foi a união e a resistência dessas mulheres, que fortalecidas pelo coletivo marcaram a história do bairro Castanhal desde o início. Djamilia Ribeiro (2024, p. 85) nos diz que é “fundamental é que indivíduos pertencentes a grupos social privilegiados em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados”.

Figura 6: Reintegração de posse



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Outra fala importante para corroborar com a memória da reintegração, é repassada pela entrevistada dona Maria Sônia, que mesmo em meio a tantas lutas e as constantes desistências das antigas lideranças do bairro, o objetivo de conseguir o terreno nunca foi deixado de lado:

Lembro, lembro né, porque eles vieram tirar a gente, veio essa reintegração de posse para jogar com a gente, com nós daqui. Aí, só que eles não conseguiram né? A primeira vez conseguiram, mas só que nós não saímos de uma vez, nós “fiquemos” ainda “tentemos” ficar aqui, porque nós já “enfrentemo” muita batalha aqui sobre

nossas lideranças, que “ficaro”, uns “correro” de medo, aí ficou e veio o primeiro, correu de medo, veio o segundo também. Já o que veio enfrentar, já foi o Kildson, que veio ficava brabo voltava de novo, ficava brabo voltava(risadas). Até que abaixo de Deus, ele na terra e Deus no céu nós conseguimos esse pedacinho pra nós aqui (Gomes, 2025).

Notou-se que a memória mais forte que as entrevistadas puderam relatar foi a da reintegração de posse da área. Como consta outro trecho importante na fala de dona Joana:

Olha, o que eu mais me lembro, é quando teve a reintegração de posse, vão tirar, veio o caminhão para tirar o pessoal aí, pessoal saindo e colocando os bagulhos deles no caminhão, aí nós “fiquemo” ali debaixo da castanheira, lá nós “tava”, quando foi uma seis “pras” cinco hora, aí deu que nós não ia mais sair, aí nós “voltemo” pro nosso lugar e minhas coisas “tava” tudo arrumada, aí o pessoal, saindo, saindo, eu disse assim “eu vou arrumar, se der até final da noite disserem assim “foi suspenso a reintegração de posse”, aí eu volto com minhas coisas de novo, mas “tava” tudo aqui (Joana, 2025)

Neste sentido, é possível constatar que a memória que mais marcou as mulheres foi a da reintegração de posse. Ainda que tenha sido um momento de muita tensão, medo e tristeza para elas foi algo que deixou uma marca simbólica de resistência na luta por moradia do bairro Castanhal. Embora estas lembranças tenham sido vivenciadas individualmente, com suas particularidades elas são claramente influenciadas pela coletividade. As narrativas das mulheres do Castanhal tornam-se exemplo disso, quando tudo o que foi narrado pelas mulheres é fruto de um constante sistema de lembranças coletivas. Assim, Djamila Ribeiro (2024, p. 25) argumenta que “mais do que compartilhar experiências baseados na escravidão, racismo e colonialismo, essas mulheres partilham processos de resistências”.

Nesse ato de coragem e resistência, temos a participação da Professora Fátima Guedes, que como mulher, ativista e parte da sociedade civil fez parte de um momento tão forte como o momento vivido na segunda reintegração de posse do bairro Castanhal, assim argumenta sobre esse momento vivido juntamente com o povo do Castanhal:

É toda ação que exige comprometimento com a justiça popular é algo que nos envolve algo que nos instiga a levar pra frente e atrair companheiras e companheiros que estejam somando na mesma frequência então aquele momento foi muito importante né não só pela questão da reintegração de posse mas também pela questão da luta que se vem travando em Parintins em defesa da Mãe Terra, que é uma das fêmeas mais violentadas da história da humanidade é a mãe Terra é de lá que vem a vida lá que vem o fruto de lá que vem tudo que a gente precisa e infelizmente aqueles, os próprios filhos, que usam que se aproveitam de seus benefícios não reconhecem isso então esse é o meu olhar essa é a minha percepção de ter participado daquele momento.

Então, acontece o confronto entre as experiência individual e transmissão coletiva que é sentida e modificada através da lembrança influenciada pela coletividade. Resumidamente, não há a necessidade da presença do outro (fisicamente), porém a maneira como lembramos e

interpretamos o que experienciamos cotidianamente molda a memória que passa a ser uma construção social.

A invisibilidade feminina e a consequente desvalorização das vozes dessas mulheres foram um tema muito pertinente nas narrativas das entrevistadas. Viver num contexto de comunidade periférica já é em si, uma tarefa muito complicada, mas ser mulher, negra e mãe demonstra como a sociedade escancara o preconceito enraizado. Djamilia Ribeiro (2024, p. 89) nos mostra que “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta”, nesse sentido todos têm lugar de falar a partir da sua localização social.

A entrevistada Maisa Nunes evidencia essa situação sobre a não aceitação da presença feminina em locais públicos:

Como representante daqui eu sinto ainda que a gente não é ouvida, né. A gente ainda não é bem aceita em locais de posição, de posicionamento. Porque a maioria do que se impregna na nossa sociedade, ainda é o machismo. E sinto que a gente não tem essa vez, essa fala, de posicionamento de se posicionar, a gente muitas das vezes tem que gritar pra ser ouvida, tem que espernear, e muitas das vezes a gente ainda continua não sendo ouvida e ainda é ditada como louca. Como pessoas mal educadas, principalmente vindo de uma periferia, vindo de uma ocupação, então essas são as lutas ainda que eu consigo sentir na pele quando a gente vai em busca de algo mais lá fora (Nunes, 2025).

Nesta fala, a principal tese em questão é a dificuldade que as mulheres, especialmente as mulheres negras de comunidades periférica como o Castanhal, enfrentam para terem suas vozes ouvidas e respeitadas. A professora Fátima Guedes se engajou na causa pela luta por moradia do bairro Castanhal, e com isso argumentou sobre os motivos dessa mobilização humana:

O envolvimento nas lutas, como eu já disse, por justiça popular é algo que está na minha matriz genética, nessas digitais que eu trago da minha ancestralidade. E, então é sempre satisfatório eu saber que eu estou vivenciando, que eu estou cumprindo com uma missão que nem eu sei de onde vem, mas que é muito latente em mim, me envolve e me provoca e não dá pra recuar.

A marginalização dessas mulheres fica evidenciada por meio do machismo e da exclusão social que precisam lutar em dobro para serem reconhecidas. “O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher-negra, pobre” como um item desrespeitoso na lista de prioridade globais. A representação não definiu. A mulher como intelectual tem uma tarefa

circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio” (Spivak, 2010, p. 126). Neste sentido, lutar por espaço, para ser ouvida e para ter seus direitos garantidos é uma forma de resistir, desafiando os estigmas impostos pela sociedade e rompendo com ciclos que insistem em existir.

3.2 ANTÍTESE - AS NARRATIVAS FEMININAS DO CASTANHAL E O DIÁLOGO LITERÁRIO

O principal objetivo deste trabalho foi o de estabelecer um diálogo das narrativas de mulheres do Castanhal, suas vivências ricas em saberes e histórias com a Literatura Feminina Negra Brasileira. Neste subtópico, será realizada uma ponte entre as narrativas das mulheres com os trechos das obras de autoria negra de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, que foram utilizados nas entrevistas como parte das etapas estabelecidas pela pesquisadora.

Carolina Maria de Jesus, importante escritora negra da história da literatura no Brasil traz em sua obra “Quarto de Despejo” diferentes abordagens do cotidiano de uma mãe solteira, desempregada, favelada e mulher negra num contexto social altamente precário. Temas como a fome, solidão, insalubridade, desejo de ter uma vida mais digna são recorrentes nos textos do diário de Carolina. Quando o trecho que consta o tema da fome foi lido para a entrevistada Maria Sônia a reação dela foi instantânea e revelou, segundo ela, exatamente a vivência na qual por muitas vezes precisa encarar no seu dia a dia:

É, é assim mesmo da minha vivência. Porque tudo os meus netos aqui, como vocês sabem desde quando começou, todo mundo é aqui em casa, é café, é comida quando tem, tem a casa deles lá, mas na minha casa tem um imã pra cá pra casa. Eu te digo é assim, (mas casa de vô é diferente, risadas) eu acho que é, é assim mesmo, vão tudo pra lá (Gomes, 2025).

A fala de dona Sônia revela que a casa de avó é o espaço onde as crianças sentem-se protegidas e alimentadas. Ela comparou o trecho lido com a sua própria realidade quando ouviu o momento em que na narrativa é contado sobre como é belo ter o que comer, a vivência de Carolina Maria de Jesus no diário esbarra no cotidiano de dona Maria, pois ambas vivem em um contexto de periferia e a luta pelo alimento diário é incessante. Assim como Carolina, dona Maria Sônia é a maior provedora do sustento do lar e carrega nas costas o peso de todos os dias precisar desdobrar-se para garantir o alimento para os filhos e netos. Em suma, a relação afetiva evidenciada tanto na arte literária como na vida real, mostram como o papel da mulher na sociedade é sobrecarregado de muitas responsabilidades e revela como a dinâmica familiar acontece mesmo em meio às dificuldades.

A garantia de uma vida digna é o sonho de toda pessoa que nasce em uma realidade difícil. E na literatura não é diferente, o trecho da obra “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo que foi lido à Maisa Nunes, foi fundamental para mostrar como a literatura traz histórias que transcendem a realidade e isso ficou evidente na fala da entrevistada, que pontuou como esta perspectiva de mudança vivida pela personagem principal entrelaça-se com a sua própria realidade:

Na verdade, o trecho remete muito minha vida, chego até me emocionar né? Vim de uma família pobre, de mãe doméstica e pai tricicleiro, eu era uma adolescente no tempo em que morávamos em Manaus capital, acabei me envolvendo com uma vida que não era o qual meus pais me deram e minha mãe viu a necessidade de me tirar dali daquela realidade, nos mudamos para Parintins, e aqui minha história mudou totalmente, comecei a estudar e sentir a necessidade de mudança né? [...]Então assim, me remete muito à minha própria história. E estando agora ouvindo a história de “Conciá”? né, “Ponciá”, lembrou muito a minha vida de sair daquela mesmice, e precisaria me soltar daquilo que estava vivendo, porque a pobreza e a dificuldade de você não poder comprar a comida, passar fome né. [...]E me lembrou muito a mim de certa forma [...]Porque nós que não nascemos em berço de ouro, que é como meu pai fala, a única forma de se afugentar é os estudos. E hoje eu represento o nosso bairro que foi uma ocupação e hoje é um bairro. E hoje eu sou empregada, graças a Deus, tenho uma vida estável com meus filhos. Então é muito dessa história de se desprender, de querer sempre, de ter o melhor, de avançar. Então assim, me lembrou muito a mim esse trecho da história. Foi muito marcante agora ter esse feedback na memória. Muito legal (Nunes, 2025).

Segundo a fala da entrevistada, a sua experiência de vida é marcada por muitas dificuldades e tudo isso teve a oportunidade de mudar por meio da educação. A personagem principal da obra Ponciá, assim como Maisa Nunes estava cansada de olhar a sua vida cercada de mesmices, sem perspectivas de futuro e busca por meio de um ato de coragem dar uma nova identidade à sua trajetória e ir embora para uma outra cidade redesenhar o seu futuro. Esse momento contrasta-se com a realidade de Maisa Nunes ao narrar que em meio às dificuldades viu a necessidade de ter uma vida melhor e com determinação e por meio da educação mudou a sua vida e de sua família.

A fome foi um dos temas que também conectou as narrativas das mulheres aos textos das autoras. A dor de não ter o alimento na mesa para os filhos é compartilhada pela personagem e pela entrevistada Maria Sônia:

Não, né uma coisa assim né, que dói na gente, né Porque é muito triste, a gente chegar na nossa casa e não ter o que comer e pelo menos para as crianças, que não sabem dizer que não tem né? Aí não tem, mas eles querem comer. Aí aqui, eu já passei por muitas coisas assim com eles, né? As vezes não tem uma comida para comer, às vezes eles querem, e isso sei lá, aquilo me dói, por que eu não tenho dinheiro pra mim comprar aquela comida para eles comerem e um pão de manhã, pelo menos uma coisinha e aquilo me dói, e é o que aconteceu com ela né? Tem um arrozinho ali, a mãe inventa um arrozinho dá para eles, eles ficam alegres, vira um mingau, correm para a rua e já estão satisfeitos (Nunes, 2025).

De acordo com a fala da entrevistada, ao ouvir o trecho lido pela entrevistadora ela relata que é muito triste ver os filhos e netos em um dia onde não há a certeza de alimento na mesa. Ela comparou o momento narrado com sua própria vivência, afirmando que por muitas vezes já passou por momentos como o de Carolina Maria de Jesus, em Quarto de Despejo. Neste sentido, a entrevistada identifica-se com a personagem do texto literário em questão principalmente da superação ao afirmar que “tem um arrozinho ali, a mãe inventa um arrozinho e dá para eles, eles ficam alegres, vira um mingau, correm para a rua e já estão satisfeitos”.

3.2.1 CONEXÃO DAS ESCRIVIVÊNCIAS LITERÁRIAS COM AS VOZES DO CASTANHAL

A escrevivência no contexto das narrativas de mulheres negras marginalizadas em que se apresenta neste trabalho, denota-se como a estrutura teórica fundamental para compreender-se a relevância dessas mulheres narrarem suas próprias experiências.

A conexão existente entre as vozes literárias e as vozes do Castanhal é importante para compreender-se como acontece a ponte entre esses diálogos e as escrevivências das autoras negras. Como bem destaca Evaristo (2020, p. 32), “a maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens”, ou seja, essas interações existentes entre as duas vertentes passam a coexistir, proporcionando não apenas uma promoção literária, mas especialmente promovendo o empoderamento de mulheres negras, a quebra no silenciamento de vozes marginalizadas historicamente e a promoção de novas compreensões acerca das suas próprias realidades.

Com base no esboço teórico, pode-se afirmar que todo movimento busca gerar crises no sistema social, ou seja, desestabiliza com o objetivo de promover mudanças. Tais mudanças não implicam a ruína social, mas sim a ressignificação e a transformação da sociedade, visando sanar injustiças e propor alterações em ideologias que criam uma falsa impressão de igualdade entre as pessoas, seja no âmbito político, de gênero ou étnico.

Os aspectos negativos, como estereótipos, injustiças, direitos restritos, falta de acessibilidade e expressão, estimulam diversos grupos sociais, como mulheres, negros, LGBTQIA+ e indígenas a lutar por seus direitos de ação na sociedade e a buscar ter suas vozes ouvidas e reconhecidas nos processos de formulação de políticas de acesso e inserção social.

Essa luta se manifesta em áreas como educação, política e regulamentação de leis, e, como abordado nesta monografia, na utilização da figura negra como ferramenta de inclusão na

arte literária, que se constitui como resistência por meio da palavra. Conceição Evaristo desempenhou um papel fundamental ao articular a literatura, especificamente a questão do feminismo negro, com a prática do letramento literário, promovendo a presença da essência negra, que por muito tempo foi negligenciada, marginalizada e estereotipada em diversos âmbitos sociais, culturais, históricos e literários.

3.3 SÍNTESE – LUGAR DE FALA: UMA NOVA COMPREENSÃO PARA O FORTALECIMENTO FEMININO NO BAIRRO CASTANHAL

Neste tópico da síntese buscou-se esclarecer as novas percepções construída pelas mulheres através da dinâmica leitora dos trechos de obras das autoras negras brasileiras. Essa leitura aconteceu nas entrevistas e fizeram parte deste processo dialético no qual a pesquisa está alicerçada.

Entender a dinâmica da representatividade feminina negra no contexto literário foi fundamental e o primeiro passo estabelecido para que essa nova compreensão pudesse acontecer e ser analisada pela pesquisadora.

A partir disso, as mulheres puderam comparar suas trajetórias com as das personagens apresentadas nos textos. Relacionando as temáticas que emergiram tanto nas suas próprias falas como nos trechos lidos. De acordo com a entrevistada Maisa Nunes sobre a ligação da história de Ponciá Vicêncio com a sua:

O sentimento que tenho ouvindo esse trecho, traz um pensamento sobre a nossa realidade que é justamente ter vindo em busca de sua moradia, através da nossa realidade, que vamos dizer periféricas, de favelas, não tem tanta urbanização, não tem emprego, não tem tanta oportunidade e elas estarem em busca de uma melhora, né? [...] Esse trecho lembra a luta de nossas mulheres realmente, aqui no bairro nós temos mulheres indígenas, negras, brancas, de todos os gêneros, raças, e isso também é muito relatado né? Uma melhora de vida para conseguir o pão de cada dia (Nunes, 2025).

A fala da entrevistada revela como a literatura, especialmente a narrada por mulheres negras, escancara realidades múltiplas e traz à tona pontos que se assemelham com a realidade. No trecho lido, a autora Evaristo (2005) discorre sobre a trajetória de Ponciá Vicêncio, mulher negra, pobre, vinda do interior e que busca na cidade grande uma alternativa para uma mudança de vida.

O conceito de lugar de fala surge neste tópico como o principal vetor na convergência e também na resolução dessa dialética, pois segundo Ribeiro (2019, p.85) compreende-se que,

“assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade”. Ao se verem representadas e valorizadas nas narrativas das autoras negras, elas desenvolveram a consciência de sua própria história e identidade. E, assim, a noção de pertencimento a uma comunidade não só no status geográfico, mas principalmente como um coletivo feminino. Onde as narrativas e memórias tornaram-se o elemento simbólico que as uniu.

Perguntada sobre as novas compreensões advindas a partir da discussão sobre o texto de Evaristo (2005), a entrevistada revelou que para ela como mulher observar a realidade das mulheres ao seu redor e notar as mudanças que vem ocorrendo ano após ano é motivo de muita alegria. Pois, como ela mesmo disse:

Se uma das dez mulheres, cinco mulheres conseguem ter espaços à frente, a gente fica muito feliz, porque elas estão ganhando ali o seu espaço, o seu território[...]Então pra gente é muito importante, ter essa visão de que muita coisa pode mudar na vida da mulher desde que ela tenha muita força realmente de determinação pra mudar ali a sua realidade (Nunes,2025).

Observa-se, portanto, que o sentimento coletivo feminino quando se une a literatura revela uma potência vital que emana mudança. Esse movimento pode ser explicado quando mulheres, especialmente as mulheres negras, usam das suas escritas e narrativas para fazer ecoar vozes que antes estavam num lugar de subalternidade, silenciadas pela sociedade machista e misógina que ainda “rege-a”. No entanto, de acordo com Luiz e Américo (2020, p.6) “nossos lugares de fala, atuação e escrita estão alicerçados no engajamento em múltiplos processos de libertação humana, tais como na luta contra o elitismo, o racismo, o sexismo e a homofobia.” Ou seja, graças a este enfrentamento exercido pelas mulheres em todos os âmbitos sociais as histórias têm tido seus espaços resguardados, suas vozes ecoadas e seu lugar de fala fortalecido.

A nova compreensão que culminou no fortalecimento feminino das mulheres do Castanhal foi experienciada a partir da tradução em ações e sentimentos. Observou-se no diálogo com as mulheres, o aumento de confiança nas suas falas, especificamente, quando se tratava de compartilhar as suas próprias histórias. Discutir sobre os desafios das mulheres do bairro, vizinhas, parentas, filhas foi fundamental, e reacendeu o desejo nelas de continuar retransmitindo suas histórias. Na questão emocional, as mulheres viram-se mais empoderadas e orgulhosas da trajetória que percorreram até o presente momento emanando em suas narrativas a alegria de serem ouvidas e reconhecidas.

Neste sentido, disseminar a Literatura Feminina Negra Brasileira nesses espaços de libertação do qual as autoras falam, é fundamental para intensificar estas novas percepções. A escolha da Literatura Feminina Negra Brasileira para dar cerne a esta pesquisa foi exatamente para destacar o lugar de fala dessas mulheres, não só no Castanhal, mas especialmente na academia, pois de acordo com Ribeiro (2019, p.89), “pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia [...]”. Uma mulher de área denominada periférica nem sempre tem a oportunidade de ter sua voz ouvida e por vezes é descredibilizada por conta de sua origem. Demonstrar para elas por meio de narrativas de autoria negra, com personagens também negros fortalece o sentimento de libertação. Elas passaram a compreender suas vivências não apenas de modo isolado, mas puderam dialogar com as vivências de outras mulheres e assim ressignificar suas histórias de vida no bairro Castanhal.

Por fim, nesta síntese dialética alcançou-se não um método uníssono, mas sim uma aspiração para a continuidade. As novas compreensões advindas com a experiência literária de autoria negra, acendeu nas mulheres do Castanhal a gana para cada vez mais lutarem por seus objetivos e aspirações. E acima de tudo, o sentimento de que suas histórias sejam ouvidas e emanadas na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho revelou a partir da tessitura realizada entre as narrativas das mulheres negras do bairro Castanhal e a Literatura Feminina Negra Brasileira como o entrelaçamento entre essas duas partes visualmente tão distintas, podem trazer visibilidade, reconhecimento e fortalecimento feminino na comunidade e na sociedade em geral. Responder a questão de “Como a Literatura Feminina Negra Brasileira pode atuar como ferramenta para promover visibilidade às narrativas de vida das mulheres negras do bairro Castanhal?”, foi o principal vetor desta pesquisa.

Através do diálogo literário realizado por meio das entrevistas com as mulheres do Castanhal, foi possível obter os dados necessários para serem analisados e assim constatadas as novas compreensões construídas pelas mulheres acerca do fortalecimento feminino dentro e fora da comunidade.

Acredita-se ter alcançado o objetivo geral que deu cerne a este trabalho que é, de estabelecer um diálogo entre as narrativas das mulheres do bairro Castanhal e a Literatura Feminina Negra Brasileira, pois constatou-se por meio de análise dialética como aconteceu uma mudança significativa nas falas das entrevistadas do início em comparação ao fim da entrevista.

Nesta perspectiva dialética, foi possível compreender com profundidade as temáticas que emergiram das falas das entrevistadas. Cada uma com a importância necessária para aplicar-se por meio do confronto de ideias, a tese, a antítese e a síntese que corroboraram para o melhor entendimento da pesquisadora na análise da realidade em questão. Além de ter sido uma ferramenta valiosa para desenvolver o pensamento crítico e as novas perspectivas da pesquisadora em relação ao meio em que vive.

Neste sentido, a pesquisa demonstrou que ainda há muito a ser explorado no bairro Castanhal, especificamente no que diz respeito à figura feminina negra. Sobre as suas narrativas, seus lugares de falas, pois entende-se que o trabalho realizado foi apenas o marco inicial das ricas narrativas que precisam ser contadas por essas mulheres. As quais são responsáveis pela disseminação de saberes e trocas de experiências, mas especialmente pelo fortalecimento feminino dentro e fora da comunidade.

Através desta pesquisa, notou-se a importância de compreender as falas das mulheres do Castanhal, mas acima de tudo a necessidade de entender quem são essas mulheres e porque estiveram por muito tempo silenciadas no ambiente em que vivem.

Portanto, infere-se que novas pesquisas sejam implementadas não apenas para cunho acadêmico, mas especialmente para o fortalecimento e visibilidade feminina negra, periférica, silenciada e segregada. Explanando suas lutas, resistências, vivências e memórias. Sendo este último termo, memórias, o que se vislumbra o aprofundamento científico. Propõe-se que, estudos no campo da memória coletiva de mulheres negras do Castanhal sejam aprofundados, tendo em vista, a riqueza de dados que o pesquisador poderá apreender ao abranger a pesquisa para um número maior de participantes.

Enfim, a pesquisa de campo não é em suma uma tarefa fácil, mas ser uma pesquisadora participante tornou a tarefa um deleite. Ouvir as vozes das mulheres do Castanhal foi fundamental para reviver a historicidade que acaba sendo esquecida com o passar dos anos e compreender que essas falas possuem suas cargas de significação evidenciase a necessidade de propaga-las na sociedade afora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, E. R. S. S. **A representação do feminismo negro em *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo: a arte oleira e os fios da memória.** Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 2, n° 1, 2012.

ALMEIDA, E.S. **RACISMO ESTRUTURAL E NEGAÇÃO DE DIREITOS EM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS: STRUCTURAL RACISM AND DENIAL OF RIGHTS IN QUARTO DE DESPEJO, BY CAROLINA MARIA DE JESUS.** Revista Decifrar, Manaus, v. 12, n. 23, p. 217–231, 2024. DOI: 10.29281/rd.v12i23.15488. Disponível em: [//periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/15488](http://periodicos.ufam.edu.br/index.php/Decifrar/article/view/15488). Acesso em: 12 mar. 2025.

ALVES, M. **A LITERATURA NEGRA FEMININA NO BRASIL – PENSANDO A EXISTÊNCIA.** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 1, n. 3, p. 181–190, 2011. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/280>. Acesso em: 12 mar. 2025. AMBC. **Associação por Moradia do Bairro Castanhal.** Parintins-AM, 2016.

BECK, D. Q.; GUIZZO, B. S. **ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS DE GÊNERO: PROPOSIÇÕES E ENTRELACES ÀS PESQUISAS EDUCACIONAIS.** HOLOS, [S. l.], v. 4, p. 172–182, 2013. DOI: 10.15628/holos.2013.1597. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1597>. Acesso em: 12 mar. 2025.

BRASIL. Lei. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110639.htm. Acesso em: 04 abr. 2025.

BRASIL. Lei. 13. 709, de 14 de agosto de 2018. **Altera a lei 12.965, de 23 abril de 2014.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 ago. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110639.htm. Acesso em: 07 jun. 2025. BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988: promulgada em 5 de outubro de 1988, Brasília, DF, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 10 jun.2025.

CÂNDIDO, A. **Dialética da Malandragem.** Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, 8, 67-89. 1970. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89>. Acesso em: 10 jun. de 2025.

CÂNDIDO, A. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2006, 9° edição.

COSTA, L. C. S.; SOUZA, D. M. B. **Entre o silêncio e a palavra: a autorrepresentação da mulher negra em *Úrsula de Maria Firmina dos Reis*.** Revista Digital dos Programas de Pós – Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 24, n°1, p. 142 – 163, dezembro de 2023.

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência: a escrita em nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.** / Orgs: Duarte, C. L.; Nunes, I. R. 1° ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. Belo Horizonte: Idea, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicencio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

EVARISTO, C. **Literatura negra: uma poética de nossa brasilidade**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

EVARISTO, C. **Histórias de leves enganos e parencças**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FRANCO, Paulo Merli. **Dialética em Marx: uma perspectiva a partir de seus elementos centrais**. Revista de Ciências Sociais, n. 16 p. 1-12, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra. 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de pesquisa social**. – 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nilma Lino. **Diversidade Étnico-Racial: por um projeto educativo emancipatório in Relações Étnico-Raciais e Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

GONÇALVES, Suellen Souza; SOARES, Mara Magda; SILVA, Patrícia Nascimento.

“Coleta de dados com documentação direta: uma breve revisão no contexto da ciência da informação”. MACULAN, Benildes Coura Carla Viana (orgs.) **Métodos e Técnicas de Coleta e Análise de Dados e pesquisa**. 1. Ed. – São Paulo:2024. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br>. Acesso em 29/05/2025.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

INDURSKY, Freda. **O entrelaçamento entre o político, o jurídico e a ética no discurso do/sobre o MST: uma questão de lugar-fronteira**. Revista Da Anpoll, v. 1, n.12. 2002. Disponível em: <https://doi.org/1018309/anp.v1i12.507>.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 199 p.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. **Modelos contemporâneos de democracia e o papel das associações**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 20, n. 43, p. 59-80, outubro. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/fynBKXWD6sgKLVYfJTCC6NF/?format=pdf&lang=pt/>
<https://doi.org/10.1590/S0104-44782012000300004>. Acesso em: 07 de junho de 2025.

LUIZ, Viviane Marinho. AMÉRICO, Márcia Cristina. **Literatura negra feminista: uma proposta de enfrentamento do sexismo e do racismo epistemológico desde a infância**.

Edital Equidade Racial na Educação Básica: Pesquisas aplicadas e Artigos Científicos. Realização: CEERT (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades), 2020. Disponível em:<https://editalequidaderacial.ceert.org.br/#af>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**.

Revista Ciência & Saúde Coletiva, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 621-626, março. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMFf/>
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 25 maio 2025.

MATOS, M. F. S. D. **A oralidade em Ponciá Vicêncio (2003) uma pulsão da memória afrodescendente.** Boitató, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 106–117, 2013.

DOI: 10.5433/boitata.2013v8.e31550.

Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31550>. Acesso em: 12 mar. 2025.

NAKAYAMA, C. M.Z. **Úrsula: a (in) visibilidade da mulher do século XIX. – 2020.**

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2013. 100p.

PARINTINS já tem cinco invasões de terras neste ano de eleição. **Fato Amazônico**, 2016. Disponível em: <https://fatoamazônico.com.br>. Acesso em: 09 de jun. de 2025.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2.ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PACHECO, E. M.; DIAS, M. T. G. **A luta das mulheres por políticas sociais: avanços e retrocessos.** Serv. Soc. Soc., v. 146, n. 1, p. 263-283, 2023.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.
RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala.** São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** São Paulo: Editora Jandaíra, 2024.

SANTOS, M. M. D. et al. **História e historicidade na representação do cotidiano em quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus.** Anais do X CONGRESSO INTERNACIONAL DE LÍNGUAS E LITERATURA... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75840>. Acesso em: 12/03/2025 16:06.

SOUZA, Nilciana Dinely de. **O processo de urbanização da cidade de Parintins (AM): evolução e transformação.** 2013. 141 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Programa de Pós-graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SOUZA, Patrícia da Silva. BARBOSA, Talita Rosendo. ARAGÃO, Patrícia Crsitina. **ENEGRECENDO A LITERATURA BRASILEIRA EM NARRATIVAS INSUBMISSAS DE MULHERES NEGRAS.** Anais IX CONEDU Congresso Nacional de Educação. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/98105>>. Acesso em: 15/06/2025 17:08

SPIVAK, Gayatri. **Pode o sulbaterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA, C. **Os direitos das mulheres e o orçamento público: os desafios de tornar reais as nossas conquistas.** *Centro Feminista de Estudos e Assessoria*, Brasília, ano XIII, n. 144, maio 2015. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/images/stories/colecaofemea/jornalfemea144.pdf>. Acesso em: 3 mai. 2022.

REFERÊNCIAS DE VÍDEOS DO YOUTUBE

Lili Schwarcz. **Biografia de Maria Firmina dos Reis.** Disponível em: <https://youtube/UmlcAf3I9sM?si=tUcBaq9Mk38zoPTX>. Acesso em 12/3/2025.

TV APARECIDA, **Conheça a história da escritora Conceição Evaristo.** 10 de março de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/9POX2gtfmFI> Acesso em 12/03/2025.

TV BRASIL, Caminhos da reportagem – **Carolina de Jesus, a escritora além do quarto.** Disponível em: <https://youtu.be/6AvUP-IoYEo> Acesso em 12/3/2025.

ENTREVISTA

SANTOS, Maisa Nunes dos. Entrevista realizada no dia 6 de junho de 2025, na cidade de Parintins- AM.

GOMES, Maria Sonia Dias. Entrevista realizada no dia 6 de junho de 2025, na cidade de Parintins-AM.

MATOS, Joana. Entrevista realizada no dia 6 de junho de 2025, na cidade de Parintins- AM.

GUEDES, Fátima de Souza. Entrevista realizada no dia 9 de junho de 2025, na cidade de Parintins-AM.

ANEXOS

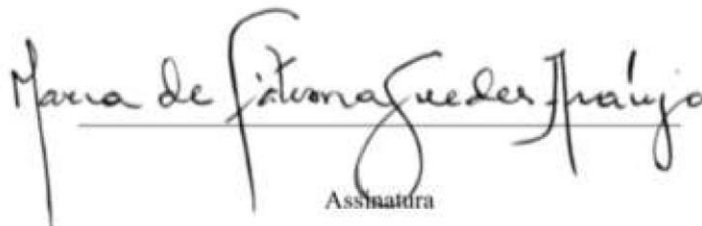
ANEXO A: TERMOS DE AUTORIZAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ENTREVISTA EM PESQUISA

Eu, _____, concordo em participar do estudo intitulado “Vozes do Castanhal: Narrativas de Mulheres do Bairro Castanhal em Parintins-AM e o diálogo com a Literatura Feminina Negra Brasileira”, de autoria da acadêmica Mônica Nunes dos Santos, e autorizo a utilização da entrevista para fins de pesquisa.

Parintins, 6 de junho de 2025.


Assinatura

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ENTREVISTA EM PESQUISA

Eu, Joana Matos, concordo em participar do estudo intitulado “Vozen do Castanhal: Narrativas de Mulheres do Bairro Castanhal em Parintins-AM e o diálogo com a Literatura Feminina Negra Brasileira”, de autoria da acadêmica Mônica Nunes dos Santos, e autorizo a utilização da entrevista para fins de pesquisa.

Parintins, 6 de junho de 2025.

Joana Matos

Assinatura

Parintins
2025



Centro de Estudos Superiores de Parintins
Estrada Odovaldo Novo - Bairro Djard Vieira, S/N
CEP: 69152-470, Parintins /AM
www.uea.edu.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ENTREVISTA EM PESQUISA

Eu, Maisa Nunes dos Santos, concordo em participar do estudo intitulado "Vozes do Castanhal: Narrativas de Mulheres do Bairro Castanhal em Parintins-AM e o diálogo com a Literatura Feminina Negra Brasileira", de autoria da acadêmica Mônica Nunes dos Santos, e autorizo a utilização da entrevista para fins de pesquisa.

Parintins, 6 de junho de 2025.

Maisa Nunes dos Santos

Assinatura

Parintins
2025



Centro de Estudos Superiores de Parintins
Estrada Odovaldo Novo - Bairro Djard Vieira, S/N
CEP: 69152-470, Parintins /AM
www.uea.edu.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ENTREVISTA EM PESQUISA

Eu, maria Sonia dias gomes, concordo em participar do estudo intitulado “Vozes do Castanhal: Narrativas de Mulheres do Bairro Castanhal em Parintins-AM e o diálogo com a Literatura Feminina Negra Brasileira”, de autoria do acadêmica Mônica Nunes dos Santos, e autorizo a utilização da entrevista para fins de pesquisa.

Parintins, 6 de junho de 2025.

maria Sonia dias gomes

Assinatura

Parintins
2025

ANEXO B: ROTEIROS DE ENTREVISTA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS

LOCALIDADE: Bairro Castanhal **DATA:** 09/06/2025.

ENTREVISTADA: Maria de Fátima Guedes Araújo

- Como foi pra você, como mulher, ativista e parte da sociedade civil ter feito parte de um momento tão forte como o momento vivido na segunda reintegração de posse do bairro Castanhal?
- O que a motivou a engajar-se na causa pela luta por moradia do bairro Castanhal?
- Você saberia me dizer a diferença entre os termos usados para denominar a localidade como "invasão" e "ocupação"?
- Qual a sua percepção sobre as ocupações no município de Parintins?
- Pra você, qual a importância de uma associação para a comunidade e que hoje é comandada por uma mulher?
- Minha pesquisa parte do principal objetivo que é estabelecer um diálogo das narrativas de mulheres do Bairro Castanhal com a Literatura Feminina Negra Brasileira. Pra você, qual a importância de ouvir vozes de mulheres num contexto de periferia e que são culturalmente e socialmente silenciadas para uma pesquisa acadêmica científica?
- Fale um pouco sobre o seu movimento de mulheres que por algum tempo realizou atividades na comunidade e marcou a história com o engajamento e participação ativa?
- Fale um pouco sobre o dia que junto com os comunitários, a senhora foi até a Câmara Municipal de Parintins para ajudar na reivindicação por direitos?
- Deixe uma mensagem para as mulheres do Castanhal. Sobre a importância de nunca calar suas vozes.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS

LOCALIDADE: Bairro Castanhal **DATA:** 06/06/2025.

ENTREVISTADAS: IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO 1 (Nunes)

- a. Narrativas de Vida
- b. **Nome:**
- c. **Idade: Profissão:**

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO 2 (Dias)

- d. Narrativas de Vida
- e. **Nome:**
- f. **Idade:**
- g. **Profissão:**

2. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO 4 (Matos)

- a. Narrativas de Vida
- b. **Nome:**
- c. **Idade:**

Profissão:

Perguntas abertas – Entrevistas Mulheres do Bairro Castanhal

- Olá, me fale um pouco sobre as vivências e as memórias do Castanhal. Para começar, eu gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua trajetória no bairro Castanhal. Há quanto tempo você mora aqui? Como foi sua chegada e como é sua memória sobre o início do bairro?
- Como foi sua chegada aqui no bairro?
- Como você descreveria o cotidiano das mulheres do bairro Castanhal?
- Como você descreveria o cotidiano das mulheres do bairro Castanhal?
- Quais são os principais desafios que você consegue observar na vida dessas mulheres?
- Você pode me dizer quais são as vivências que você considera mais marcantes aqui no Castanhal? Pode ser sobre a comunidade, pode ser sobre a vida pessoal, sobre a família, sobre luta?

- Você sente que as vozes das mulheres do Castanhal, é ouvida? E valorizada dentro da comunidade? Ou fora dela?
- Após você ouvir esse trecho, gostaria que você me dissesse o que vem a sua mente? Como que você consegue fazer essa conexão com sua própria vida? Ou com a vida de outras mulheres? Que você conhece aqui do bairro?
- Se você pudesse escrever um livro sobre sua vida? Ou sobre as mulheres do “Castanhal” que tipo de história você contaria?
- Em relação a representação de uma mulher negra, por que a história é contada no trecho que eu li, “Ponciá Vicêncio” é uma mulher negra, que decidiu dar uma reviravolta em sua própria vida em relação a essa representação, dessa mulher, ela corresponde a sua realidade? Ou a realidade de mulheres que você conhece?
- Sobre as novas compreensões e perspectivas, eu gostaria de saber o que mudou na sua compreensão depois dessa conversa sobre sua vida, sobre as narrativas das outras mulheres, você percebeu algo novo sobre a sua própria história ou sobre a força das mulheres do “Castanhal”?
- Para você, qual é a importância de que essas vozes como a sua e as de outras mulheres sejam ouvidas e registradas?
- Como a senhora descreve seu cotidiano como mãe, como mulher, como moradora aqui do “Castanhal”?
- Qual seu sentimento em relação a reintegração de posse que aconteceu no bairro Castanhal?
- A senhora se considera uma mulher negra, indígena?